



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA**

**BRUNA THAIS DA SILVA ALVES**

**UMA LEITURA FEMINISTA DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E**  
**MORALIDADE EM *LITTLE WOMEN***

**JOÃO PESSOA – PB**

**2018**

BRUNA THAIS DA SILVA ALVES

**UMA LEITURA FEMINISTA DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E  
MORALIDADE EM *LITTLE WOMEN***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Letras-Inglês, da Universidade Federal da  
Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciado em Letras-  
Inglês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Henriques de  
Luna Freire

JOÃO PESSOA – PB

2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A4741 Alves, Bruna Thais da Silva.  
UMA LEITURA FEMINISTA DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E  
MORALIDADE EM LITTLE WOMEN / Bruna Thais da Silva  
Alves. - João Pessoa, 2018.  
47 f.

Orientação: Juliana Henriques Luna Freire.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Feminismo, Moralidade, Gênero, Louisa May Alcott. I.  
Freire, Juliana Henriques Luna. II. Título.

UFPB/CCHLA

**BRUNA THAIS DA SILVA ALVES**

**UMA LEITURA FEMINISTA DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E  
MORALIDADE EM *LITTLE WOMEN***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Letras-Inglês, da Universidade Federal da  
Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em Letras-  
Inglês.

APROVADO EM \_\_\_\_/ Outubro de 2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Juliana Henriques de Luna Freire  
ORIENTADORA - UFPB

---

Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes  
MEMBRO - UFPB

---

Profa. Dra. Sandra Amelia Luna Cirne de Azevedo  
MEMBRO – UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo agradeço ao bom Deus por todas as conquistas e pelas bênçãos na minha vida.

Agradeço à minha família, mas principalmente aos meus pais, César e Dedé, que sempre se esforçaram para que eu pudesse realizar essa conquista, também à minha tia Cristina e vó Dorinha por todo apoio.

Aos amigos do curso, especialmente Janine, Rayanne, Adalberto, Cleiton, Júnior, Pietra e Jeniffer, os quais tive o prazer de conhecer ao longo dos anos e por estarmos sempre ajudando uns aos outros.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica. Em particular, à professora Juliana Luna Freire pela dedicação e por aceitar a orientação deste trabalho.

Por fim, agradeço às professoras Renata Gonçalves e Sandra Luna pela gentileza de participarem da banca examinadora.

## RESUMO

Sabe-se que ao longo do tempo a literatura infanto-juvenil tem servido como modelo formador para meninas e meninos, ensinando parte da cultura e expectativas de cada sociedade. Ao mesmo tempo, os meninos e meninas leitores foram e, ainda hoje são, impostos a modelos de comportamentos relacionados ao seu gênero: o fato de nascer menina ou menino já implica em expectativas relativas à sua posição social, personalidade e comportamento. Dessa maneira, o presente trabalho tem por finalidade analisar questões acerca da construção de gênero e moralidade presentes em *Little Women* (1868), obra escrita pela autora americana Louisa May Alcott. Para essa análise, faz-se necessário retratar aspectos biográficos da autora como também o ambiente retratado da Nova Inglaterra, no século XIX. Continuaremos com uma breve menção a respeito do feminismo, destacando a teoria de Foucault sobre as relações de poder, mas trazendo para a análise uma visão feminista como apontado por Deveaux (1994) e, por fim, uma referência acerca da construção de gênero discutido por Beauvoir (1949) e Butler (1990), como também a construção de moralidade mencionado por Gilligan (1982). Sendo assim, para essa pesquisa bibliográfica e histórica utilizaremos os conceitos abordados por esses teóricos para o embasamento da análise, tal como a alusão a outros autores.

**Palavras Chave:** Feminismo, Moralidade, Gênero, Louisa May Alcott.

## ABSTRACT

It is known that over time children's literature has served as a model for the education of boys and girls, teaching them part of the culture and expectations of each society. At the same time, girls and boys were, and still are, imposed behavioral models related to their gender: the fact of being born a girl or a boy already implies certain expectations connected to their social position, personality and behavior. Consequently, this final thesis aims at analyzing questions about the construction of gender and morality present in *Little Women* (1868), a novel written by the American author Louisa May Alcott. For this analysis, it is necessary to portray the biographical aspects of the author as well as the context portrayed of New England in the nineteenth century. We will continue with a brief mention of feminism, focusing on Foucault's theory on power relations, but bringing to the analysis a feminist perspective as pointed by Deveaux (1994) and, at last, a reference to the gender construction as discussed by Beauvoir (1949) and Butler (1990), as well as the construction of morality mentioned by Gilligan (1982). Thus, for this bibliographical and historical research we will use the concepts addressed by these theorists for the basis of the analysis, as well as some allusions to other authors.

**Key Words:** Feminism, Morality, Gender, Louisa May Alcott.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: ALCOTT, <i>LITTLE WOMEN</i> E A NOVA INGLATERRA.....	11
1.1 Aspectos biográficos e a vida na Nova Inglaterra.....	11
1.2 Normas e instituições.....	12
1.3 O público leitor, formação das mulheres da época, aspectos sobre a obra.....	15
CAPÍTULO II: LITERATURA, FORMAÇÃO E FEMINISMO: CONCEITOS GERAIS.....	19
2.1 Introdução: A literatura como modelo influenciador.....	19
2.2 Literatura, discurso e poder: de Foucault a Deveaux.....	21
2.3 A construção do gênero segundo Butler e Beauvoir.....	24
2.4 A construção de moralidade segundo Gilligan.....	28
CAPÍTULO III: <i>LITTLE WOMEN</i> : GÊNERO, MORALIDADE E FORMAÇÃO FEMININA.....	32
Resumo da Obra.....	32
3.2 A obra literária e a construção de gênero.....	33
3.3 A dependência financeira da mulher dentro de <i>Little Women</i> : A Room of One's Own.....	40
3.4 A formação da moralidade na obra: princípios e ensinamentos.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52



## INTRODUÇÃO

*Little Women* foi publicado em 1868 pela escritora Estadunidense Louisa May Alcott (1832-1888), tendo três continuações, *Good Wives* (1869), *Little Men* (1871) e *Jo's boys* (1886). Em algumas edições da obra, foi feita a junção de *Little Women* e *Good Wives*, assim, é possível encontrar nas prateleiras das livrarias diferentes edições das duas obras juntas, por vezes, somente com o título do primeiro livro. Contudo, neste presente trabalho, apenas foi usado para análise de estudo a primeira obra dessa sequência de Alcott.

Além do mais, a tradução do título do livro pode ser encontrada como “Mulherzinhas” ou “Adoráveis Mulheres”. Usou-se para as citações uma versão em português com o título “Mulherzinhas”, todavia, faremos menção à obra usando seu título original em inglês: *Little Women*.

A razão de ter escolhido *Little Women* como objeto de estudo para monografia aconteceu pouco tempo depois de ter lido uma versão infantil da obra que havia comprado em uma banca de livros na universidade. Quando li esta versão infantil, intitulada “Adoráveis Mulheres”, enxerguei a obra como um livro adequado para crianças que traz ensinamentos morais e religiosos como forma de educar. Entretanto, ao ler a versão completa, comecei a perceber alguns pontos e questões presentes na obra que antes não havia notado.

Para uma leitura superficial, *Little Women* pode ser visto como uma história para meninas, no entanto, feita uma leitura mais aprofundada, percebe-se que a obra aborda vários assuntos típicos da época que retratam a vida na Nova Inglaterra no século XIX. O foco é principalmente nas personagens femininas, uma vez que está centrado em um ambiente doméstico.

Sendo assim, este trabalho está constituído em três capítulos: no primeiro são retratados os aspectos biográficos da autora, a vida na Nova Inglaterra, mencionando a razão de Alcott ter escrito *Little Women* e descrevendo o público leitor da época e fatos da própria obra. O segundo capítulo apresenta a teoria que abarca o conceito de feminismo, além do poder exercido nas relações sociais apontado por Foucault; porém, levando para um lado feminista, como aponta Deveaux, discutiremos a noção de construção de gênero formuladas por Butler e Beauvoir e, também, a construção da

moralidade entre meninas e adolescentes mulheres, segundo teorizado pela psicóloga Gilligan. Diante disso, o resumo e análise da obra são apresentados no terceiro capítulo.

Com relação à metodologia, iniciaremos uma pesquisa bibliográfica e histórica a respeito da vida de Louisa May Alcott, visto que informações de sua vida pessoal estão presentes na obra e no contexto feminino na Nova Inglaterra. Como aporte teórico, faremos uma breve introdução acerca do feminismo e da teoria Foucaultiana destacada por Deveaux (1994), assim como uma compreensão da construção de gênero e identidade apontado por Beauvoir (1949) e Butler (1990), como também uma leitura na teoria de Gilligan (1982) com relação à moralidade na literatura de formação. Com isso, o desenvolvimento do trabalho será pautado a partir desse referencial teórico, bem como na menção de outros.

O fato de escolher analisar a construção de gênero e moral presentes na obra, como também o poder existente nas relações onde um ser tenta impor atitudes ao outro, dá-se porque essas questões são evidentes na obra. Ademais, a obra foi escrita para o público leitor feminino da época, especificamente as jovens moças. Sendo assim, seria *Little Women* uma obra composta com o intuito de normatizar as meninas aos modelos de princípios requeridos pela sociedade da época?

Diante da escolha desta obra para estudo, o que se pretende analisar é: *Little Women* reforça a ideia de construção de gênero? Alcott quebra os padrões ou enfatiza essa ideia? As personagens questionam essa ideologia e os preceitos impostos pela sociedade? O que a obra ensina sobre a moral feminina? Como a sociedade molda as personagens femininas da obra?

Contudo, esperamos, com este trabalho, contribuir para o meio acadêmico literário de estudos feministas. Apesar de ser um assunto que vem sendo comentado desde 1960, a obra, *Little Women*, traz questões que ainda estão presentes na atualidade.

## CAPÍTULO I: ALCOTT, *LITTLE WOMEN* E A NOVA INGLATERRA

### 1.1 Aspectos biográficos e a vida na Nova Inglaterra

Louisa May Alcott (O'SULLIVAN, 2010, p. 23-24) escreveu romances para adultos e crianças, e ficou mais conhecida pelos quatro romances sobre a família March, começando com *Little Women* (1868), *Good Wives* (1869), *Little Men* (1871) e *Jo's boys* (1886). A publicação de *Little Women* foi o triunfo da sua carreira como escritora, e a obra fez tanto sucesso que o público clamou por uma continuação.

A escritora nasceu em Germantown, Pensilvânia, em 29 de novembro de 1832. Sua mãe Abigail “Abba” May Alcott era sufragista, abolicionista, ativista do movimento da temperança e uma das primeiras assistentes sociais remuneradas de Massachusetts; e seu pai, Amos Bronson Alcott era filósofo e educador transcendentalista. Louisa cresceu ao lado de suas irmãs Anna, Abigail e Elizabeth, desde cedo foram educadas pelo pai e tiveram contatos com seu círculo de amizades, como “visitas à biblioteca de Ralph Waldo Emerson<sup>1</sup>, excursões à natureza com Henry David Thoreau<sup>2</sup> e encenação de peças no celeiro de Nathaniel Hawthorne<sup>3</sup> faziam parte da rotina” (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p.1).

Visto que Alcott estava rodeada de figuras importantes da época que a motivaram e influenciaram o seu modo de escrever, Alcott “não foi apenas moldada pelos ensinamentos de seu pai, mas também por seus amigos transcendentalistas” (LAIRE, 2008-2009, p.10). Desde a adolescência, por influência dos pais, Alcott tinha o hábito da leitura e acesso a diversos livros e bibliotecas.

Para Louisa, escrever sempre foi uma paixão. Ela tinha uma rica imaginação, e suas histórias frequentemente se transformavam em peças que ela e as irmãs encenavam para os amigos. Começou escrevendo poesia e contos que publicava em revistas e, em 1854, aos 22 anos, lançou o primeiro livro, *Flower Fables* (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 1).

---

<sup>1</sup> “Ralph Waldo Emerson foi um poeta, filósofo e ensaísta americano transcendentalista durante o século XIX” (BIOGRAPHY.COM, tradução minha).

<sup>2</sup> “Ensaísta, poeta e filósofo prático americano, Henry David Thoreau era um transcendentalista da Nova Inglaterra e autor do livro *Walden*” (BIOGRAPHY.COM, tradução minha).

<sup>3</sup> “Nathaniel Hawthorne era um romancista, mais conhecido por seus romances ‘The Scarlet Letter’ e ‘The House of Seven Gables’, como também escreveu muitos contos” (BIOGRAPHY.COM, tradução minha).

Amos Bronson, seu pai, incentivava a escrita de Alcott. A propósito, quando tinha oito anos de idade, Louisa mantinha um diário onde retratava em palavras seus sentimentos, ansiedades, paixões e seu jeito de ser (LAIRE, 2008-2009, p. 10).

Alcott e suas irmãs tiveram uma educação totalmente diferente do que era ensinado para meninas na época.

[...] LMA passou muito pouco tempo de sua infância em um ambiente educacional formal. Ela e suas irmãs foram ensinadas principalmente em casa, embora ela também frequentasse aulas na casa de Ralph Waldo Emerson e aprendesse sobre a natureza vagando pela floresta com Henry David Thoreau (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 90, tradução minha).

A educação de Alcott e de suas irmãs deve-se ao seu pai Bronson que testou suas teorias educacionais em suas próprias filhas, que enfatizavam o despertar das concepções morais das crianças. Os métodos de Bronson eram bastantes modernos e, ao invés de utilizar a punição corporal, ele acreditava em um sistema de recompensas que encorajasse o bom comportamento e insistia que as meninas desenvolvessem o autocontrole através da introspecção de seus próprios motivos e desejos (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 90).

Diante disso, as meninas estudavam leitura, escrita, história, geografia, aritmética e gramática com seu pai, e ainda, ajudavam e aprendiam trabalhos domésticos com a mãe. Além do mais, elas passavam bastante tempo brincando ao ar livre, já que Bronson acreditava que o estudo e aprendizagem de suas filhas deveriam ser criteriosamente equilibrados com muito exercício (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 91).

O acesso a diversos clássicos literários influenciou a escrita de Alcott ao longo de sua educação. Alcott costumava ler os livros da biblioteca de seu pai e de Ralph Waldo Emerson e também, acompanhando a literatura de seu tempo através de revistas contemporâneas. Alguns nomes de autores que a inspiraram foram Emerson, Henry David Thoreau, Nathaniel Hawthorne, Charlotte Brontë, William Shakespeare (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 275).

O falecimento da autora ocorreu no dia 06 de março de 1888, na época com 55 anos, Alcott morreu dois dias após a morte de seu pai. Alcott deixou “mais de trinta livros e coletâneas de contos e poemas” (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 2). Apesar de sua morte, Alcott sempre será lembrada.

## 1.2 Normas e instituições

No contexto da Nova Inglaterra, onde se baseia a obra aqui estudada, uma série de expectativas e normas sociais regiam a vida das meninas de classe média. De acordo com “The old English Common laws”, como citado em “Little Women, a *feminist study*” (LAIRE, 2008-2009, p. 6), na sociedade estadunidense do século XIX, o homem tinha total poder sobre a família. Neste caso, a sociedade era liderada pelo poder patriarcal, tendo o homem como líder de sua própria família e das instituições.

As mulheres no século XIX mais frequentemente passaram a questionar essa organização social baseada exclusivamente na autoridade masculina e, dessa forma, sociedades femininas foram fundadas nas colônias. Com o surgimento dessas sociedades, novos papéis para as mulheres eram possíveis. Em 1848, houve a Convenção da Mulher em Sêneca Falls, New York, onde diversos reformadores femininos e masculinos se uniram para reivindicar igualdade social, política e econômica. Com a “Declaration of Sentiments and Resolution”, documento assinado na Primeira Conferência dos Direitos da Mulher em Seneca Falls em 1848 com uma das autoras sendo a famosa ativista Elizabeth Cady, as mulheres denunciaram a injustiça que sofriam e esperavam ter o direito ao voto e obter independência da autoridade masculina. No entanto, foram poucos os homens que apoiavam a causa dessas mulheres (LAIRE, 2008-2009, p. 6).

Após a Guerra Civil, “The National Woman Suffrage Association” foi formada em 1869. As mulheres se opuseram contra a 15ª constituição, que ignorava totalmente os direitos femininos. Posteriormente, esse grupo de mulheres seria conhecido como o “National American Woman Suffrage<sup>4</sup>” (LAIRE, 2008-2009, p. 6). Alcott também participou “do movimento pelo sufrágio feminino e do movimento da temperança<sup>5</sup>” (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 2).

Segundo Constable, antes das mulheres terem o direito ao voto, era o patriarca da casa que tinha autoridade sobre suas filhas. Sendo assim, ele poderia se opor à escolha do marido das filhas. No entanto, muitas famílias americanas eram progressistas e as mulheres, na maioria das vezes, tinham a liberdade para escolher seus parceiros com a benção dos pais. Embora as mulheres não tivessem direitos legais, como o direito

---

<sup>4</sup> Foi criada em 1890 pela fusão das duas principais organizações de direitos das mulheres, “The National Woman Suffrage Association” e “The American Woman Suffrage Association,” após 21 anos de operação independente (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA).

<sup>5</sup> “Que prega a abstinência de bebidas alcoólicas” (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 1).

ao voto, quando casadas, tinham parcialmente direitos de propriedades e cônjuges na década de 1830 (*apud* LAIRE, 2008-2009, p. 7).

Os empregos para mulheres na época eram bastante limitados e, em muitos casos, as mulheres apenas trabalhavam enquanto novas e bem antes de se casarem. Logo após o casamento, as mulheres tinham que dedicar sua vida para a família e sua casa.

Embora as mulheres pudessem trabalhar, isso era visto ou experimentado durante um breve intervalo antes do casamento, pois o modelo patriarcal ainda era o casamento. A única ocupação que era respeitada e verdadeiramente uma possibilidade era ensinar. No entanto, a verdadeira independência ainda era muito difícil de obter. De fato, rejeitar o casamento e a vida doméstica era complicado em uma sociedade patriarcal, que considerava a família como o fundamento apropriado de uma vida moral para as mulheres (LAIRE, 2008-2009, p. 7, tradução minha).

A limitação de emprego para mulheres causava total dependência aos seus pais e esposos. Isso afetava a independência feminina, já que elas não tinham a absoluta e livre escolha para decidir sobre suas próprias vidas. Delphine Laire fala que “Mulheres [...] verdadeiramente independentes eram incomuns, mas podiam participar da economia de mercado, criando novas oportunidades para o próprio sexo” (2008-2009, p. 7, tradução minha). À medida que os tempos progredissem, novas oportunidades de trabalho se abriam para as mulheres da época.

Em se tratando da Guerra Civil, a mesma influenciou a vida econômica, social e política dos americanos, visto que a guerra afetou a vida de muitas famílias que tiveram que entregar seus pais e filhos para lutar na guerra. Sabendo que o alistamento no exército só era permitido para homens, as mulheres não tinham muita opção para ajudar durante a guerra. Alcott, por exemplo, costurava para as tropas da União, mas ela desejava poder fazer mais do que apenas costurar (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 56).

Sendo assim, no ano de 1862 se voluntariou para servir como enfermeira do exército no hospital da União durante a Guerra Civil, o resultado dessa experiência resultou em sua primeira obra de sucesso, *Hospital Sketches* (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 1). Assim sendo, o trabalho como enfermeira enriqueceu sua escrita, porém a doença que ela contraiu no hospital comprometeu sua saúde pelo resto de sua vida. Antes da Guerra, ela era uma jovem robusta e saudável, mas suas cartas e diários pós-

guerra fazem muitas referências a sua má saúde crônica (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 56-57).

A vida como enfermeira no exército possibilitou-a conhecer e conviver com diferentes pessoas, já que antes ela apenas convivia com os pais e suas irmãs. Alcott tinha pouco contato com homens antes da experiência como enfermeira, assim, foi um choque para ela ter que se deparar com o banho, a alimentação e enfermagem de soldados doentes e feridos (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 56, tradução minha). Percebe-se que a profissão como enfermeira também era possível para as mulheres, visto que, por causa da guerra, houve uma necessidade de pessoas para trabalhar nos hospitais.

### **1.3 O público leitor, formação das mulheres da época, aspectos sobre a obra**

Além das poucas possibilidades de emprego como espaços de convivência social para mulheres da classe média, durante o século dezoito, as mulheres costumavam ir para um “Female Salon” onde elas discutiam questões literárias e culturais. Porém, no século dezenove, academias femininas foram criadas e substituíram esses salões. Lembrando que sociedades literárias estiveram presentes desde a Revolução Americana e elas não eram vinculadas a nenhuma instituição oficial, apenas tratavam da produção e reprodução do conhecimento (LAIRE, 2008-2009, p. 7). Kelley afirma que uma das mais famosas sociedades literárias foi o “Boston Gleaning Circle<sup>6</sup>,” fundado em 23 de março de 1805 (*apud* LAIRE, 2008-2009, p. 7), e situado na região de Alcott. Laire ainda diz que grande parte das meninas que participavam dessas sociedades eram jovens solteiras.

Algumas das obras de Alcott estavam destinadas para o público feminino da época, com protagonistas que representavam a vida dessas moças na sociedade, como também o papel feminino requerido pela sociedade naquele tempo.

Diante da existência desse público leitor ativo, a decisão de escrever *Little Women* não foi escolha da autora, mas do editor Thomas Niles (LAIRE, 2008-2009, p. 12): a necessidade financeira fez com que Alcott escrevesse uma história exclusivamente para meninas.

---

<sup>6</sup> Primeira sociedade literária feminina estabelecida na América pós-revolucionária. As mulheres desse grupo acreditavam na importância de cultivar a mente com o bom uso do conhecimento, as leituras incluíam teologia, astronomia, história, poesia, geografia e literatura de viagem (KELLEY, 2003).

O Sr. N quer uma história de garotas, assim dou início à 'Little Women'. Marmee, Anna e May aprovam meu plano. Então me afastei, embora eu não goste desse tipo de coisa. Nunca gostei de garotas ou conheci muitas, exceto minhas irmãs; mas nossas peças e experiências estranhas podem ser interessantes, embora eu duvide disso (GRASSO, 1998, p. 178, tradução minha).

Alcott escreve uma história baseada na sua convivência com as irmãs e a mãe, que eram os únicos modelos femininos com quem ela tinha relação. Além do mais, a autora relata uma história de uma família pertencente a uma classe social média, que era também a classe social de Alcott.

Delphine Laire constata que a maioria das escritoras da época consistia em mulheres dessa classe, dado que ainda tinham uma educação razoável (LAIRE, 2008-2009, p. 8). Geralmente, essas mulheres tinham acesso a alguns livros que as possibilitassem certos conhecimentos, como no caso de Alcott. Da mesma forma, tem de ser levado em consideração que o público leitor feminino seria alfabetizado da classe social média ou até mesmo alta, visto que aqueles que tinham acesso a livros eram pessoas com vida financeira estável.

A autora, de certa forma, possuía sua independência por meio de sua escrita, pois sustentava a si própria e não dependia do dinheiro de ninguém. Ademais, desde jovem já trabalhava para ajudar a sustentar a família, como costurando, lecionando, fazendo serviço doméstico e escrevendo (L&PM *apud* ALCOTT, 2017, p. 1).

Sua popularidade foi tanta, que a personagem Jo foi muito aclamada pelo público. Aliás, quando os fãs e leitores de Alcott a conheceram pessoalmente ou viram uma fotografia dela ficaram desapontados em saber que a autora não se parecia nem um pouco com a adorável e espontânea Jo (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 253). Provavelmente eles esperavam que Alcott fosse muito mais nova, já que na época tinha 42 anos, e que fosse divertida e com atitudes fora do normal do padrão da época.

Uma vez que a obra *Little Women* foi desenvolvida em função de entreter, principalmente, o público feminino infanto-juvenil da época, percebe-se que ao mesmo tempo o livro seria uma forma de educá-lo enfatizando o seu papel na sociedade. Dessa forma, Geisel diz que a literatura infantil tornou-se um meio de socializar as crianças nos papéis de gênero previstos para elas como adultos (*apud* O'SULLIVAN, 2010, p. 108).



Alcott criou um contexto em *Little Women* no qual questões como a disparidade de gênero podem ser significativamente abordadas (GRASSO, 1998, p. 182). A personagem Jo enfatiza as questões de gênero dentro da obra, visto que ela demonstra características incomuns, e até mesmo consideradas masculinas, em contraste com as meninas da época: por sinal, Alcott não queria que sua Jo inicialmente se casasse. De acordo com a própria autora, ela queria que Jo permanecesse solteira, porém as leitoras escreveram-na clamorosamente exigindo que ela casasse Jo com Laurie ou até mesmo com outra pessoa (GRASSO, 1998, p. 184-185). Isso enfatiza o quanto as meninas da época tinham a concepção de que todas as mulheres deviam se casar, vendo o casamento como algo fantasioso e romântico.

Sendo assim, *Little Women* foi publicado na intenção de agradar a um público alvo. A autora escreveu uma história que lhe foi requisitada pelo editor e atendeu também aos pedidos das leitoras. Entretanto, ainda podemos perceber na sua obra resquícios da sua própria vida e ideais. Primeiramente, Alcott “ignora as maiores injustiças econômicas que estruturam um sistema onde a maioria das mulheres não têm acesso a um salário digno e é forçada à dependência econômica” (SHERMAN, 2013, p. 5, tradução minha). Alcott mostra através das personagens da família March que mulheres independentes que trabalham são mais fortes e determinadas.

Segundo Sherman, a limitação de empregos para mulheres impedia a independência financeira das mesmas.

Com pouco acesso a empregos bem remunerados na nova economia industrial, particularmente empregos que preservariam sua respeitabilidade e status, as mulheres de classe média e alta dependiam em grande parte de seus pais e maridos para obter segurança financeira. Em troca dessa segurança, as mulheres serviram aos homens que as apoiavam como exibições simbólicas do poder econômico e social masculino (SHERMAN, 2013, p. 4, tradução minha).

Como é abordado na própria obra da autora, os empregos aceitos na época para mulheres eram o de preceptora e dama de companhia; todavia, o salário era muito baixo para que essas mulheres pudessem se sustentar.

*Little Women* é como um mapa para as jovens que precisam de orientação moral. Portanto, apresenta uma visão otimista do desenvolvimento moral individual através da orientação dos pais e de livros, como a própria obra (SHERMAN, 2013, p. 5). A obra é apresentada como uma forma de educar meninas por meio de preceitos morais e também religiosos: é um romance doméstico para crianças (SHERMAN, 2013, p. 2).

Realça também que o ambiente doméstico seria o mais propício para a criação de meninas, por ser considerado um lugar seguro e adequado para a formação das mesmas.

A princípio, Alcott utiliza em *Little Women* preceitos morais que vêm do ensinamento e educação que recebeu em sua casa:

Os romances da LMA para crianças são cheios de performances físicas de leitura; essas adaptações, reencenações, performances dramáticas e charadas ajudam a traçar o desenvolvimento emocional das personagens. Dois dos exemplos mais discutidos são a adoção, pelas meninas, do Pilgrim's Progress, de Bunyan, e The Pickwick Papers, de Dickens, como respectivos guias para suas vidas morais e intelectuais em *Little Women* (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 277, tradução minha).

As personagens de *Little Women* passam por diversos ensinamentos morais ao longo da obra, portanto, a vida das meninas March seria uma forma de lição para o público jovem da época.

Em relação ainda à educação da autora, podemos perceber que *Little Women* possui muitas referências dos autores de clássicos literários que fizeram parte da educação de Alcott.

A leitura de livros, peças teatrais, poemas e cartas é um dispositivo temático no trabalho de LMA. Sua ficção é repleta de referências literárias clássicas e populares que revelam personalidades, motivações e posições éticas dos personagens (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 277, tradução minha).

Alcott acreditava que a educação não só era possível dentro de uma sala de aula, mas como também fora da própria escola (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 92). Ademais, Louisa e suas irmãs foram muito bem educadas em casa pelos pais e pessoas que estavam presente na vida delas. Assim sendo, “ela apresenta a educação como a modelagem sistemática e inter-relacionada do corpo físico das crianças, seu senso de moralidade e suas habilidades intelectuais” (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 92, tradução minha).

Apesar da semelhança entre o que pensava Alcott e seu pai Bronson sobre educação, o que diferencia as teorias educacionais dos dois é a insistência de Alcott de que tanto meninos e meninas estejam aptos a ocupações, o que pode ser algo que a autora tenha aprendido com a mãe, que tinha uma determinação desesperada de que suas filhas pudessem se sustentar (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 92).

Para Alcott e outras feministas, “a educação poderia funcionar como uma ferramenta para a transformação cultural que levaria a relações igualitárias entre

homens e mulheres, definições mais amplas do trabalho das mulheres e uma sociedade mais feminista em geral” (EISELEIN e PHILLIPS, 2001, p. 93, tradução minha). Educação seria uma forma de incentivar a consciência de direito de igualdade entre os gêneros.

## CAPÍTULO II: LITERATURA, FORMAÇÃO E FEMINISMO: CONCEITOS GERAIS

### 2.1 Introdução: A literatura como modelo influenciador

O termo *feminismo* surgiu a partir da década de 1960, e desde então até os dias atuais ainda é um tema que vem sido abordado e discutido por muitos teóricos e por aqueles que acreditam nas causas feministas. Quando pensamos no mesmo, logo vem em mente nomes de grandes autoras que através de suas obras contribuíram para este movimento, dentre as quais entre as mais conhecidas estão Mary Wollstonecraft, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Charlotte Perkins Gilman, dentre outros nomes da literatura. Ainda assim, vale lembrar que algumas dessas autoras deixaram seu impacto antes mesmo que o termo *feminismo* aparecesse, visto que na época esse termo não era usado. Contudo, há aqueles que as consideram representantes de ideias que já questionavam as questões relativas às liberdades das mulheres, como apontado por Showalter sobre as escritoras sobre a moralidade vitoriana entre 1880-1920 (GRODEN e KREISWIRTH, 1994, p. 240).

Essas mulheres escritoras não concordavam com os ideais impostos pela sociedade, e a forma mais comum usada pelas mulheres para expressarem seu modo de pensar e suas concepções era através da escrita e das personagens de suas obras. Temos como exemplo a própria Alcott que, por meio de *Little Women* conseguiu caracterizar e moldar suas personagens com características bem diferentes do que era requerido na época.

Entrando no mundo literário, é bastante comum observar em livros, principalmente os clássicos da literatura, a mulher e o homem desempenhando papéis totalmente diferentes na sociedade: isso aponta uma desigualdade entre os sexos desde os tempos mais antigos. Dessa forma, onde não há igualdade de gênero, haverá sempre a opressão de um ser contra outro. Neste caso, o homem como o opressor e a mulher como a oprimida.

De acordo com Bertens, o Feminismo tem o objetivo de buscar e lutar pela igualdade entre homens e mulheres.

O feminismo procura mudar as relações de poder entre homens e mulheres que prevalecem sob o que no final dos anos 1960 e 1970 geralmente era chamado de patriarcado, um termo que se referia à dominação (quase)

completa dos homens na sociedade ocidental (e além) (2001, p. 96, tradução minha).

Sabemos que o modelo de sociedade patriarcal afeta principalmente os direitos femininos. Deste modo, o feminismo pretende acabar com as barreiras sociais entre homens e mulheres, a fim de que ambos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Sendo assim, como a própria Malala Yousafzai diz, o feminismo é apenas uma outra palavra para igualdade (*apud* GIBBS, 2018).

Como afirma Rosemary Ruether (*apud* KAZEMEK, 1986, p. 265), o feminismo defende particularmente um modelo de relacionamento que enfatiza a mutualidade, em vez da dominação ou da subjugação. Sendo assim, o feminismo tende a buscar igualdade de direito dos sexos com pacificidade para que indivíduo nenhum seja oprimido ou inferiorizado, dado que uma sociedade sem opressão é uma sociedade que vive em harmonia e respeito para com o outro.

Apesar disso, deve ser levado em consideração que, por um longo tempo, as mulheres não tinham direito à educação; de qualquer forma, sabemos que mesmo assim ainda era possível se tornar uma escritora, já que temos e conhecemos grandes escritoras mulheres (BERTENS, 2001, p. 94). Entretanto, ainda assim havia muitas barreiras para que essas mulheres escritoras pudessem publicar suas obras e serem aceitas pela sociedade.

Conforme o texto de Bertens, *Literary Theory: The Basics*, a maneira como as personagens femininas eram retratadas não correspondia com as experiências reais das mulheres da época, ou a forma em que se viam. Assim sendo, essas personagens eram construções da própria cultura à qual pertenciam, que servia para determinar a dominação social e cultural do patriarcado (2001, p. 97). Além do mais, o feminismo viu que os estereótipos negativos generalizados sobre as mulheres na literatura constituíam um obstáculo no caminho para a verdadeira igualdade (2001, p. 95).

Ainda conforme Bertens, as críticas feministas dentro dessas primeiras correntes do movimento tinham o objetivo de analisar as personagens femininas a partir de sua função dentro da obra, na intenção de saber se as escritoras estavam somente reproduzindo a típica mulher estereotipada pela sociedade. Sendo assim, esses críticos se preocupavam em analisar o papel feminino, investigando a que temas as mulheres estavam associadas e quais as suposições implícitas que a obra passava para os leitores.

Contudo, foi constatado que frequentemente as representações literárias de mulheres repetiam estereótipos culturais familiares (2001, p. 97).

Segundo Elaine Showalter ([1979] 1985, p. 128 *apud* BERTENS, 2001, p. 96-97) os estudos da literatura feminista têm o foco na mulher como leitora e escritora. O primeiro está relacionado à mulher como consumidora da literatura produzida por homens e o modo como a visão de uma leitora muda nossa apreensão de um texto, despertando-nos para o real significado e códigos que esse texto possui. Assim sendo, os temas dessas obras literárias incluem imagens estereotipadas de mulheres na literatura, omissões e concepções errôneas sobre essas mulheres na crítica, e as suposições mal construídas por autores masculinos na história literária. O segundo ponto diz respeito à mulher como produtora de um texto significativo, com a história, gêneros e estruturas da literatura das mulheres. Com isso, aborda assuntos como a psicodinâmica da criatividade feminina, linguagem feminina, a trajetória da carreira literária individual ou coletiva, história literária, estudos de escritores e obras particulares.

Dessa forma, nota-se que muitas vezes as representações femininas na literatura produzidas por homens contradizem com a realidade das mulheres na vida real, a propósito, contradiz com as representações femininas produzidas por escritoras mulheres.

## **2.2 Literatura, discurso e poder: de Foucault a Deveaux**

Em *Feminism and Empowerment: A Critical Reading of Foucault*, a autora Monique Deveaux afirma que a teoria Foucaultiana sobre a noção de poder é muito usada por teóricos políticos, feministas e filósofos. Foucault reconhece que nas relações humanas, não importa qual seja, o poder está sempre presente, "Quero dizer a relação em que se deseja direcionar o comportamento do outro" (FOUCAULT, p. 11, *apud* DEVEAUX, 1994, p. 233, tradução minha).

Foucault usa o termo "Panopticism", desenvolvido por Bentham, referindo-se ao projeto de prisão onde prisioneiros estão constantemente expostos e propensos a se policiarem:

Não há necessidade de armas, violência física e restrições materiais. Apenas um olhar. Um olhar penetrante, um olhar que cada indivíduo sob seu peso terminará por interiorizar até o ponto em que ele é seu próprio supervisor, cada indivíduo exercendo assim essa vigilância sobre si mesmo e contra ele

mesmo. Uma fórmula soberba: poder exercido continuamente e pelo que acaba por ser de custo mínimo (FOUCAULT, 1975, p. 155, *apud* DEVEAUX, 1994, p. 225, tradução minha).

Este método seria uma forma de controlar e disciplinar a si próprio, em nossas ações, modo de falar e se comportar. Por consequência, o indivíduo se torna um prisioneiro e controlador de seus atos. O medo de ser julgado e menosprezado pelos outros faz com que as pessoas deixem sua própria personalidade de lado e passem a agir da maneira que a sociedade espera. Bartky fala que esse olhar panóptico afeta a construção da feminilidade, dado que as mulheres tendem a se policiarem sobre a maneira que comem fazendo dietas, regimes e exercícios para alcançarem o corpo ideal. Mudam seus gestos, posturas e movimentos, e passam a utilizar cosméticos e produtos de beleza a fim de aparentar sua beleza. Deste modo, essas características são as combinações para produzir um corpo que aparentemente é reconhecido como feminino, reforçando um projeto disciplinar de perfeição corporal (BARTKY, 1988, *apud* DEVEAUX, 1994, p. 226).

Sendo assim, o poder pode acontecer quando nas relações sociais um indivíduo impõe e controla o outro. Porém, esse poder também pode aparecer disfarçado, como aponta Bartky, já que mesmo que a imposição e o controle sobre uma pessoa não aconteça diretamente, pode ocorrer de forma indireta visto que, ao mesmo tempo, o sujeito estará se policiando e fazendo o que os outros esperam que ele ou ela façam.

Mesmo sabendo que as críticas feministas utilizam-se da teoria de Foucault, deve ser lembrado que Foucault está mais “interessado na maneira como os regimes de poder produzem discursos sobre perversão sexual, patologia, delinquência e criminalidade, e novas questões que emergem dessas categorias” (DEVEAUX, 1994, p. 237, tradução minha). Portanto, sua teoria não tem o foco na construção de identidades de gênero e sexualidades, ao contrário de Judith Butler, que discute esse assunto (DEVEAUX, 1994, p. 237).

Em relação ao que Foucault apresenta sobre o corpo, como aponta Deveaux, é que “O corpo se torna um 'campo político', inscrito e constituído por relações de poder.” Então, o ponto principal que ele aborda com relação ao poder é: “o corpo e suas forças, sua utilidade e sua docilidade, sua distribuição e sua submissão” (1979, p. 25, *apud* DEVEAUX, 1994, p. 224, tradução minha). Seria uma forma de dizer que um corpo (um ser) tem poder sobre outro corpo (um outro ser), o que de um ponto de vista

feminista poderia ser ligado ao poder que o homem exerce sobre a mulher em uma sociedade patriarcal.

Deveaux ressalta que, para que uma relação de poder aconteça, é necessário que um sujeito seja capaz de agir ou resistir e ser reconhecido como uma pessoa a quem a força ou conduta é exercida, assim, o poder agonístico é um conjunto de ações sobre outras ações, mas além disso, ela diz que isso não significa que a dominação seja totalmente contrária ao poder. De fato, o que Foucault fala é que “a dominação é o resultado de trajetórias de relações de força e poder, culminando em um maior ou menor estado de subordinação e, correspondentemente, com menos ou maiores possibilidades de resistência por parte dos sujeitos”, mesmo assim, ela afirma que para Foucault o poder e a dominação são fenômenos totalmente diferentes (p. 42, *apud* DEVEAUX 1994, p. 233, tradução minha).

Resumindo as palavras acima de Deveaux, o que a autora infere é que em uma sociedade patriarcal o homem tem total poder sobre sua esposa e filhas. Sendo assim, a dominação do homem para com a mulher pode ser constante, visto que essa dominação autoritária acontece devido ao poder social que ele possui. A dominação acontece através do poder exercido sobre o outro. Apesar disso, Foucault diz que a relação de poder pode mudar através da subordinação, neste caso, em certas circunstâncias as relações de poder podem estar constantemente alterando-se (*apud* DEVEAUX, 1994, p. 42).

Em se tratando de poder e dominação, muitas feministas contestam o motivo das mulheres aceitarem essa autoridade masculina ao invés de contrariá-la.

As mulheres internalizam o ideal feminino tão profundamente que lhes faltam a distância crítica necessária para contestá-lo e ainda têm medo das consequências da "não-conformidade", e os ideais de feminilidade são tão poderosos que rejeitar suas práticas de apoio é rejeitar sua própria identidade. (BARTKY, 1988, p. 77-78, *apud* DEVEAUX, 1994, p. 226, tradução minha).

Bartky aponta para essa ideia de aceitação feminina que é imposto desde a infância: o simples fato de pertencer ao sexo feminino já implica em como meninas devem agir e se comportar, e essa noção de feminilidade é altamente internalizada, assim parecendo ser errado ou incomum negar essa personalidade.

Dando continuação a este assunto, Deveaux diz que “definir o poder masculino como um fenômeno inerentemente separável da força e da dominação masculina, como Foucault queria que fizéssemos, é desconsiderar as maneiras pelas quais esse poder é



frequentemente transformado em violência.” Dessa forma, para uma mulher que está em um relacionamento abusivo onde seu parceiro constantemente demonstra agressão física e também verbal para com ela, infere que o poder “é a ferramenta em que explosões de abuso e violência são praticadas”. Além de tudo, Deveaux fala que “a distinção de Foucault entre poder e violência, liberdade e dominação, não nos permite perguntar se essa mulher se sente cúmplice ou vítima, impotente ou autorizada a abandonar a situação de abuso” (1994, p. 235, tradução minha).

Isso em razão de que Foucault não examina a questão da liberdade feminina, da desigualdade entre os sexos e a violência masculina, em oposição à teoria feminista que aborda esses pontos. Deveaux ainda fala que essa liberdade feminina não tem ligação em resistir em uma relação de poder, mas concerne se essa mulher se sente fortalecida em seu contexto (DEVEAUX, 1994, p. 234).

Para Foucault, onde o poder está presente, a resistência também está, já que não há outra solução para a vítima a não ser tentar de alguma forma resistir a esse poder.

Uma relação de violência atua sobre um corpo ou sobre as coisas; força, contorce, machuca, destrói ou fecha a porta em todas as possibilidades. O seu polo oposto só pode ser passividade, e caso se depare com alguma resistência, a única opção é tentar minimizá-la (FOUCAULT, 1982, p. 220-221, *apud* DEVEAUX, p. 233, tradução minha).

Simone de Beauvoir alega que, quando duas categorias humanas se encontram face a face, cada um quer impor sua soberania sobre o outro; se ambos sustentam esse relacionamento igualmente, uma relação recíproca é criada, sendo ela hostil ou amigável, portanto sempre tensa. Caso em algum momento um dos dois tem alguma vantagem sobre o outro, este se empenha para manter um relacionamento opressivo (1949, p. 96).

Sendo assim, as relações sociais de poder acabam gerando uma desigualdade entre homens e mulheres, o que também afeta no papel feminino, dado que em uma sociedade patriarcal, o homem tem a posição e o poder para influenciar no papel da mulher.

### **2.3 A construção do gênero segundo Butler e Beauvoir**

Beauvoir discute em seu texto *The Second Sex* essa soberania masculina que as mulheres enfrentam ao longo de suas vidas, fazendo uma explicação do porque as mulheres serem consideradas inferiores ao homem. Ela faz referência a dois nomes da

história para essa explicação, Santo Agostinho e Tomás de Aquino. O primeiro, dizia que “a esposa é um animal que nem é confiável nem estável” (1949, p. 31, tradução minha), considerando que a mulher nem mesmo é um ser humano, rebaixando a posição social da mulher.

O segundo declarava que “a mulher era um 'homem incompleto', um ser 'incidental'. É isso que a história de Gênesis simboliza, onde Eva aparece como se fosse tirada do osso "supranumerário" de Adão, nas palavras de Bossuet" (1949, p. 25, tradução minha). Tomás de Aquino queria dizer que, pelo simples fato de que o homem foi criado antes e diferente da forma que a mulher foi criada, ele possui uma superioridade a mais que ela.

Beauvoir anuncia que ao longo do tempo os homens utilizaram de preceitos religiosos para determinar o papel social da mulher dentro da sociedade.

As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de dominação: encontraram munição nas lendas de Eva e Pandora. Eles colocaram a filosofia e a teologia a seu serviço, como visto nas palavras citadas anteriormente de Aristóteles e São Tomás. Desde os tempos antigos, satiristas e moralistas se satisfizeram em retratar a fraqueza das mulheres (1949, p. 31, tradução minha).

Isto posto, Beauvoir fala que “a humanidade é masculina e o homem é quem define a mulher, e não ela mesma; mas em relação a ele; ela nem é considerada um ser autônomo” (1949, p. 26, tradução minha). Beauvoir quer dizer que, por séculos as mulheres vêm sido definidas por homens, ao invés de definirem a si próprias. Sendo assim, perdendo a sua voz e identidade. Por muitas vezes, as mulheres vêm sido retratadas como delicadas, frágeis, bondosas, sensíveis e entre outros adjetivos que eram usados para representar a mulher como o sexo frágil que necessita de proteção. Além do mais, muitas mulheres não se identificavam com as personagens femininas que eram representadas nos romances, o que até impulsionou o surgimento de grandes escritoras femininas que não concordavam com tais modelos literários e inovaram o mundo da literatura com uma nova escrita.

Butler é uma dessas escritoras que questionam o papel feminino na sociedade, a teórica propõe que possamos enxergar o gênero como construído de forma discursiva e material através de performances repetitivas de palavras, atos, gestos e desejos (apud DEVEAUX, 1994, p. 237). Sendo assim, Butler infere que construímos nossa identidade a partir do que aprendemos socialmente e do que nos é ensinado.

A autora de “O Segundo Sexo” se pergunta sobre o motivo das mulheres não contestarem a soberania masculina (1949, p. 27) ou tentarem escapar de toda opressão sofrida. Dessarte, Beauvoir argumenta que, se a mulher se descobre como não essencial, ou seja, sem importância, e nunca se torna essencial, é porque ela mesma não realiza essa transformação (1949, p. 28). Estamos tão acostumados com hábitos e costumes que a sociedade nos impõe desde criança que não questionamos isso, é algo que internalizamos e sem perceber acabamos aceitando sem ao menos contestar. O problema e consequências em moldar a personalidade feminina é que implica em uma construção de identidade em que todas as meninas devem seguir um padrão como exemplo. Contudo, sabemos que essa construção é apenas uma forma de impor uma imagem que não representa a todos.

De acordo com Mikkola<sup>7</sup>, as personalidades de gênero provavelmente se manifestam em condutas estereotipadas de gêneros comuns. As mulheres são estereotipicamente mais emocionais, sensíveis, dependentes daqueles que estão ao seu redor, possivelmente tentando distinguir seus próprios interesses e bem estar de seus filhos e parceiro. Isso em razão de que as mulheres acham difícil distinguir suas próprias necessidades com as daqueles ao seu redor, dado que elas não podem se individualizar suficientemente daqueles próximos a elas. Em contraste, os homens são considerados como não emocionais, preferindo uma carreira em que o pensamento desapassionado e distanciado seja uma qualidade. Isso porque os homens tendem a priorizar suas próprias necessidades e interesses, às vezes podendo ser às custas das necessidades e interesses dos outros (MIKKOLA, 2017).

Para Judith Butler, “sexo” e “gênero” são construídos culturalmente, sem nenhuma distinção, dado que reproduzimos aquilo que aprendemos socialmente.

Se o caráter imutável do sexo é contestado, talvez essa construção chamada “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; de fato, talvez sempre tenha sido o gênero, com a consequência de que a distinção entre sexo e gênero não se torna nenhuma distinção (1999, p. 10, 11 *apud* MIKKOLA, 2017, tradução minha).

Butler diz que se o gênero é o significado social que o sexo assume dentro de uma cultura, então o sexo perde seu significado, uma vez que assumiu seu caráter social como gênero. Se o gênero consiste nas definições que o sexo assume, logo o sexo não

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2017/entries/feminism-gender/>>. Acesso em: 08 out 2018.

possui significado social e é abandonado no decorrer dessa suposição. Assim sendo, o gênero emerge, não como um termo em relação contínua de oposição ao sexo, mas como o termo que absorve e desloca o sexo (BUTLER, 1993, p. 5). A autora ainda constata que para ela uma mulher se identificar como mulher é um efeito culturalmente compulsório (BUTLER, 1992, p. 88, *apud* KOTZ).

Em nossa sociedade, o simples fato de nascer mulher já implica no papel que devemos desempenhar na sociedade. No entanto, Beauvoir fala que natureza não define a mulher, é ela quem define a si própria reivindicando a natureza para si em sua afetividade (1949, p. 73). A autora constata que apenas a mulher tem esse direito de definir a si mesma, que cabe a ela decidir o estilo de vida que quer seguir e sua função na sociedade.

Visto que gênero é uma forma de moldar meninas e meninos para que possam desempenhar papéis diferentes em sociedade, constata-se que também é um modo de separação entre ambos os sexos. Desde a infância meninas aprendem a entreter-se com brinquedos ligados ao ambiente doméstico, como panelinhas, bonecas e brincadeiras de casinha, enquanto os meninos se divertem com carros, foguetes e dinossauros. A imposição de papéis sociais implica em determinar a personalidade das crianças, dado que enfatiza o fato de que meninas não podem brincar com carros ou gostar de heróis masculinos e que não é apropriado para meninos se interessarem por bonecas ou fazer comidinhas. A consequência dessas imposições é que crianças podem sofrer preconceitos, serem julgadas e até mesmo excluídas por alguns por mostrar interesse em brinquedos que a sociedade considera não serem adequados para o seu gênero.

Ao invés de incentivar essa ideologia de que meninos não devem se interessar por assuntos femininos e que meninas não podem brincar com meninos, deve ser ensinado que crianças têm o direito de trocar experiências, experimentar novas brincadeiras e se divertirem conjuntamente. Desde a infância, meninas e meninos devem aprender que merecem ter os mesmos direitos e que não há inferioridade e superioridade entre os gêneros.

Beauvoir fala que em histórias de garotos que viajam ao redor do mundo como marinheiros em barcos, são sempre considerados eventos importantes que acontecem por causa dos homens. No caso, quando uma menina lê um jornal ou revista, ou se ela escuta uma conversa de adultos, ela percebe que são os homens que lideram o mundo, visto que eles são os chefes de estado, generais, exploradores e artistas que ela admira (1949, p. 351). Da mesma forma, se um menino lê esses tipos de histórias, irá supor que

ele é superior a essa menina. A autora ainda afirma que, pelo simples fato de ser mulher, a menina já supõe que o mar, as aventuras e as mil alegrias são proibidas para ela, pelo motivo de que ela nasceu no lugar errado (1949, p. 359).

Além disto, Beauvoir ainda diz que a menina aceita sua passividade sem resistência a um destino que será imposto sobre ela, mas que esse destino a assusta. Para os meninos, não importa se ele é ambicioso, tímido ou desmiolado, ele terá oportunidades inesperadas como se tornar um marinheiro ou engenheiro, ficar nos campos ou partir para cidade, viajar pelo mundo e ficar rico. No entanto, as meninas serão esposas, mães e avós (1949, p. 360).

## 2.4 A construção de moralidade segundo Gilligan

Essa construção de gênero é evidente em livros infantis, o que reforça ainda mais o papel social dos indivíduos. De acordo com Carol Gilligan, a moralidade feminina e masculina nas histórias de crescimento de adolescentes e adultos são contrárias e quase sempre seguem um padrão. A moralidade masculina tende a ser mais imperativa, com julgamentos morais, direitos, regras e hierarquias, enquanto a feminina se preocupa com a dor e o sofrimento dos outros e na resolução de conflitos de forma não violenta (1982, *apud* KAZEMEK, 1986, p. 264, 265). Portanto, a forma como meninas e meninos são retratadas nestas histórias reforça e ensina como as crianças devem se comportar e qual a sua função na sociedade.

Essa teoria de Gilligan traz influência da psicologia do desenvolvimento para aplicar aos modelos de *Bildungsroman* que encontramos na literatura:

A definição inaugural do *Bildungsroman* por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade". Uma tal representação deverá promover também "a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance" (MAAS, 2000, p. 19 *apud* MELLO, 2016, p. 117).

Segundo Pinto (1990 *apud* MELLO 2016, p. 117), os estudos feitos sobre *Bildungsroman* eram voltados aos personagens masculinos, já que as personagens femininas se encontravam ligadas a ambientes domésticos, por isso não tinham destaque nos romances de formação, visto que os homens eram aqueles que tinham mais oportunidades e estavam mais propensos a conquistas.

Diante disso, Gilligan diz que o desenvolvimento masculino tende a alcançar todas as qualidades consideradas necessárias para a vida adulta, como ter atitudes responsáveis, pensamento autônomo e tomada clara de decisões, enquanto a feminina propende a ser deficiente e não consegue alcançar essas etapas do desenvolvimento (1985, p. 1).

Pensando nessa perspectiva de moralidade feminina, em sua pesquisa e estudos, Gilligan constata que há três níveis diferentes de desenvolvimento moral feminino na qual ocorrem transição entre os níveis. Isso porque a autora constata que a moralidade feminina tende a ser diferente da masculina. Freud diz que o superego das mulheres nunca é tão intransigente, impessoal e independente de suas origens emocionais quanto exigimos que seja nos homens. Algumas das características de caráter que os críticos de diferentes épocas trouxeram contra as mulheres mostram que elas possuem menos senso de justiça do que os homens, que não estão tão dispostas a se submeterem às grandes exigências da vida, que muitas vezes são influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeto ou hostilidade (FREUD, 1925-1921, p. 257-58 *apud* GILLIGAN, p. 3). Contudo, Gilligan (*apud* SIMERKA, 1999, p. 498) afirma que o motivo da moralidade feminina e masculina serem vistas de formas distintas tem relação com as práticas de criação das crianças, ao invés de diferenças genéticas.

O primeiro nível da moralidade feminina tem relação com a mulher pensar em si própria, em suas necessidades e objetivos, no entanto, a transição acontece quando a mulher deixa de lado seu “egoísmo” para pensar nas “responsabilidades” que ela deve exercer e assumir o seu papel como uma mulher adulta. A autora diz que, para que a mulher seja capaz de cuidar de um outro ser, primeiramente ela precisa ser capaz de cuidar de si mesma, sendo assim, a fase da infância para a vida adulta sucede de uma mudança do “egoísmo” para a “responsabilidade” (GILLIGAN, 1985, p. 11-13).

Ao passo que no primeiro nível a mulher passa por essa transição entre “egoísmo” e “responsabilidade”, no segundo nível, a moralidade tem mais a ver com a “bondade” e “auto sacrifício”. O julgamento moral tem relação com as normas e expectativas em que a mulher demonstra sua participação social através de valores sociais; assim, o julgamento consensual torna-se primordial e a “bondade” a preocupação principal, visto que a sobrevivência é vista agora como dependente da aceitação por outros. A mulher passa a assumir uma postura diferente ao que pensava no primeiro nível, atribuindo uma voz feminina convencional onde a própria propaga seu valor com base na capacidade de cuidar e proteger os outros (GILLIGAN, 1985, p. 15).

Gilligan faz menção à lista de Broverman (BROVERMAN, 1972, p. 63 *apud* GILLIGAN, 1985, p. 4-15), que fala sobre alguns dos atributos considerados desejáveis para as mulheres, que são tato, gentileza, consciência dos sentimentos dos outros, forte necessidade de segurança e fácil expressão de sentimentos ternos. Neste nível, a mulher tende a se considerar responsável pelas ações dos outros, à medida que mantém os outros responsáveis pelas escolhas que ela faz, tornando-a totalmente dependente as outras pessoas (GILLIGAN, 1985, p. 17).

A transição deste segundo nível acontece quando a mulher passa a olhar o auto sacrifício à serviço da moral de cuidar do outro, neste caso, como “bondade”. Contudo, voltando para essa perspectiva de julgamento, a mulher questiona-se sobre suas atitudes, se está sendo egoísta ou responsável, moral ou imoral, para incluir suas próprias necessidades dentro da bússola de seu cuidado e preocupação. À vista disso, o julgamento moral antes dado como “bondade” muda para “verdade” já que a mulher começa a contestar se é possível ser responsável consigo mesma e com os outros e também em reconciliar a discrepância entre mágoa e cuidado (GILLIGAN, 1985, p. 17). Diante desses questionamentos, a mulher precisa verificar sua capacidade de julgamento independente, como também a legitimidade de seu próprio ponto de vista, assim sendo, a transição deste nível depende do autoconceito. Todavia, quando a mulher está confusa sobre seu próprio valor, ela não consegue exigir igualdade, pois a autoafirmação é vítima da crítica do egoísmo. Em consequência, a moralidade que permite a autodestruição em nome do cuidado responsável não é renegada nem vista como inadequada, mas abandonada em face de sua ameaça à sobrevivência. Ao invés do compromisso moral da mulher se expandir para incluir ela própria, é completamente rejeitado, dado que ela fica sem vontade de proteger e cuidar dos outros. Esse compromisso moral é visto como obrigação dela mesma, que seria a responsabilidade que ela carrega em cuidar e proteger das outras pessoas. Na falta de moralidade, a sobrevivência, por mais "egoísta" ou "imoral" que seja, retorna como preocupação primordial. (GILLIGAN, 1985, p. 21).

No último e terceiro nível, a mulher tenta encontrar uma maneira de reconciliar os conceitos de “egoísmo” e “responsabilidade” por meio de uma compreensão transformada do “eu” e de uma correspondente redefinição da moralidade. Pensando nos pressupostos implícitos às convenções de auto abnegação feminina e auto sacrifício moral, a mulher passa a rejeitar essas convenções como imorais em seu poder de ferir. Elevando a “não-violência”, a injunção contra a dor, a um princípio que governa todo

julgamento e ação moral, ela é capaz de afirmar uma igualdade moral entre o “eu” e o outro. Logo, o cuidado torna-se uma obrigação absoluta, a ética auto escolhida de um julgamento pós-convencional que reconstrói o dilema de uma maneira que permita assumir a responsabilidade pela escolha (GILLIGAN, 1985, p. 23). No fim desse nível, a mulher passa a pensar mais em suas necessidades e no que ela realmente deseja para si. A discrepância entre “egoísmo” e “responsabilidade” é reconciliada, porém, o conflito entre o “eu” e o outro permanece. O problema moral é reestruturado em uma consciência de que a situação do dilema em si impede a resolução não violenta (GILLIGAN, 1985, p. 25).

Todavia, Gilligan (*apud* KAZEMEK, 1986, p. 265) retrata que a moralidade masculina não é necessariamente uma característica própria do sexo masculino como também a moralidade feminina não é uma característica exclusiva para o sexo feminino, dado que em nossa sociedade ambos tendem a estarem ligados. O fato de que meninas e meninos possuem características diferentes e similares determina que não há uma forma exata para afirmar que existe uma moralidade exclusiva para cada gênero.

Por conseguinte, vemos que a construção de gênero não está presente apenas em nosso cotidiano, mas também em livros voltados para o público infantil e de jovens, o que acarreta em uma construção moral que do mesmo modo tem o intuito de ensinar esse público qual sua função perante a sociedade.

O que é bem enfatizado em histórias infantis e juvenis são a punição e o julgamento moral. Bettelheim (1976, p. 147, *apud* KAZEMEK, 1986, p. 267) diz que os livros para crianças fortalecem a ideia de que a criança só estará segura se os maus forem punidos no final da história. Seria também uma forma de dizer que coisas ruins acontecem com aqueles que praticam o mal ou com quem desvia do caminho do bem.

A moralidade nas histórias infantis, tal como em *Little Women*, tendem a educar o público infantil/juvenil através de preceitos morais, éticos e religiosos. Portanto, as crianças aprendem com as ações e escolhas dos personagens dentro da narrativa o que é considerado certo e errado, como se comportar e agir diante de certas situações, o que de certa forma também é uma construção social. Jennifer Walters argumenta que “a leitura de conto de fadas” (ou até mesmo outros tipos de histórias infantis e juvenis) “é um dos primeiros passos na manutenção de um patriarcado estereotipado de papéis sexuais misóginos” (WAELETI-WALTERS, 1982, p. 1, 2 *apud* KAZEMEK, 1986, p. 267), em razão de que meninas e meninos aprendem desde a infância com essas histórias o seu papel na sociedade.



A autora de *The Case of Peter Pan, Or, the Impossibility of Children's Fiction* afirma que literatura infantil, que inclusive é escrita por adultos, não é literatura de criança, mas sim uma representação da projeção adulta de como a infância é ou deveria ser (ROSE, 1984, *apud* MICKENBERG e VALLONE, 2011, p. 2). Infere-se que Rose quer dizer que literatura infantil é produzida a partir da óptica dos adultos e do que eles acreditam serem considerados infantis ou como é a infância, e como deve ser a literatura para crianças.

Deborah Stevenson expõe seu ponto de vista sobre um clássico da literatura infantil, ela diz que um texto não precisa ser popularmente conhecido e lido por uma multidão de crianças da modernidade para ser um clássico; na verdade, deve falar da infância, não apenas da literatura, aos adultos (1997, p.119, *apud* MICKENBERG e VALLONE, 2011, p. 5). Contudo, é necessário ser levado em consideração que mesmo que uma obra fale da infância, não quer dizer que seja adequado apenas para crianças, como também uma obra que retrate a vida adulta não deva ser lido pelo público infantil/juvenil.

Na maioria das vezes quando uma história é retratada por heróis masculinos, geralmente é visto como um livro exclusivo para meninos, porém quando possui personagens de princesas é tido como história de menina. Da mesma forma isto pode ser relacionado à *Little Women* que na época foi escrito com intuito de entreter o público feminino. Sendo assim, *Little Women* não seria um livro que iria atrair os olhares do público masculino já que retratava personagens femininas dentro de um ambiente doméstico. Contudo, *Little Women* foi uma surpresa para o público em geral dado que era fora do comum ao qual estavam acostumados.

### **CAPÍTULO III: *LITTLE WOMEN*: GÊNERO, MORALIDADE E FORMAÇÃO FEMININA**

#### **Resumo da Obra**

*Little Women* é a obra de mais sucesso da autora Louisa May Alcott, de tal maneira que até os dias atuais ainda se pode encontrar diversos lançamentos do livro nas estantes das livrarias e no meio cinematográfico. O contexto histórico da obra se passa durante a Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865). A narrativa conta a história da família March, centrada nas personagens femininas Sra. March (Marmee), as filhas Margaret (Meg), Josephine (Jo), Elizabeth (Beth) e Amy. A mais velha das irmãs, Meg, com dezesseis anos já trabalhava como preceptora infantil para quatro crianças mimadas. Apesar da pouca quantia que recebia com o trabalho, “se sentia rica com seu pequeno salário” (ALCOTT, 2017, p. 56), porém não era o bastante para usufruir dos luxos que tanto desejava. Jo é uma leitora nata. Se pudesse, passava o dia todo lendo ou trancafiada no sótão escrevendo romances; todavia, trabalhava de acompanhante para sua tia March. Beth é a mais doce das irmãs, não frequenta a escola porque é tímida demais para socializar com outras pessoas, mas ajuda Hannah com os afazeres domésticos, cuida de suas bonecas toda manhã e no tempo livre gosta de tocar piano. Amy, ao contrário de Beth, frequentava a escola e tinha várias amigas e, como Jo, também possuía talento para arte com sua apreciação pela pintura. Com a ausência do patriarca da família, Sr. March, que precisa deixar sua esposa e filhas para servir seu país na guerra, as meninas e a mãe ainda contam com a ajuda de Hannah, a amiga fiel que trabalha na casa delas, e seus vizinhos, o velho Sr. Laurence e seu neto, Laurie. Juntas, as meninas embarcam em suas aventuras particulares ao longo da obra, vivendo novas experiências, superando desafios, aprendendo com os erros, transformando e desenvolvendo suas personalidades.

#### **3.2 A obra literária e a construção de gênero**

Sabendo que Jo tem uma grande paixão pelo mundo literário, faz-se necessário analisar seu papel na obra como leitora e escritora, assim como aponta Showalter (apud BERTENS, 2001, p. 96-97) em seus estudos. A personagem como leitora e consumidora da literatura masculina acaba sendo influenciada pelos modelos

masculinos. Jo, com seu modo diferente de ser de outras meninas, aspira ir para a universidade, usa a expressão “Cristóvão Colombo!<sup>8</sup>” em alguns momentos e não se importa em aparentar ter jeito de rapaz. Além disso, se sentia sem importância por não ir à guerra ajudar seu pai e seu país.

Detesto a ideia de crescer, ser a senhorita March, usar vestido comprido e andar empertigada feito uma rainha-margarida! Já é bem ruim ser menina quando gosto é de brincadeiras, trabalhos e modos de menino! Não me conformo em não ser um garoto, e agora é pior, pois morro de vontade de ir lutar com papai, mas só posso ficar em casa tricotando, feito uma velha chata (ALCOTT, 2017, p. 12).

Dessa forma, nos livros lidos por Jo, não havia personagens femininas em que ela podia se espelhar e por isso essa vontade de querer ser menino para ter liberdade de escolhas. Consequente, como escritora e artista, Jo tem seu próprio modo de escrever histórias. Grande parte dos livros que costuma ler são de escritores como Shakespeare, Charles Dickens, Oliver Goldsmith e Samuel Johnson. O interesse de Jo pela leitura é tão grande que ela e as irmãs tinham um clube secreto chamado de “Pickwick Clube”, criando um jornal semanal chamado “O Boletim Pickwick” onde elas escreviam poemas, anúncios e contos, e, claro, Jo era a editora responsável. Nesse clube meninos não eram permitidos participar, mas logo elas permitiram Laurie como membro. Ademais, não só usavam nomes masculinos para caracterizá-las no jornal, como também Jo costumava sempre interpretar os personagens masculinos nas peças que encenava juntamente com suas irmãs, o que a deixava bastante contente.

Uma de suas peças chamada “Uma floresta sombria”, que inclusive foi interpretada e estrelada por ela e por suas irmãs, revela um pouco como é a escrita de Jo. Observa-se que a peça inclui muitas aventuras com lutas de espadas, assim como o sobrenatural, mas também cheia de romances, e apresenta o típico duelo entre dois homens que estão apaixonados pela mesma mulher, onde o vilão tenta matar seu oponente para ficar com a dama. Portanto, visto que Jo possui uma personalidade forte e deseja para si um futuro brilhante na qual ela seria a própria protagonista e responsável pela sua independência e carreira profissional, nota-se que ela segue os mesmos padrões literários escritos por homens da época, que muitas vezes escreviam o homem como herói e a mulher como alguém que precisa ser salva. Jo tem essa visão de que nos romances as mulheres são vistas como frágeis e tolas, ela mesma diz: “Nos romances as

---

<sup>8</sup> Traduzindo para uma linguagem atual, seria o “Oh my God!” que usamos na atualidade.

moças mostram isso corando, se sobressaltando, desmaiando, emagrecendo e agindo feito tontas” (ALCOTT, 2017, p. 284), isso em relação às mulheres estarem apaixonadas.

Jo reflete uma imagem semelhante àquela criada por Beauvoir (1949, p. 351), uma vez que, desde a infância, as meninas aprendem com as obras literárias que apenas meninos vivem grandes aventuras pelo mundo e são reconhecidos por terem participação nos importantes eventos históricos. A própria Jo diz para Laurie: “Se eu fosse um garoto, fugiríamos juntos e seria uma aventura e tanto; mas, como não passo de uma pobre menina, devo me comportar bem e ficar em casa” (ALCOTT, 2017, p. 300). Por consequência, esse seria o suposto motivo de Jo afirmar que gostaria de ser um menino, dado que ela identifica-se com as personalidades que eram consideradas masculinas, destarte, Jo enxerga que meninos e meninas não possuem as mesmas oportunidades.

Esses comportamentos de Jo, às vezes rebelde quanto ao que se esperava do padrão de feminilidade, remete a uma tentativa de questionamento dos padrões estabelecidos para meninas na época. O simples fato de não querer seguir as regras a torna um novo exemplo de personagem feminina qual trazia para o público infanto-juvenil da época novos questionamentos sobre comportamento.

Mesmo sabendo dos requisitos e expectativas esperados pela sociedade, Jo tem em mente que não se comporta como uma “mocinha”. A própria afirma: “Eu não sou uma jovem dama”, “Não tenho medo de nada”, “Não sou quieta nem gentil” (ALCOTT, 2017, p. 82-76-72). Assim sendo, podemos ressaltar o que Beauvoir (1949, p. 73) fala sobre a identidade feminina, que apenas a própria mulher tem o direito de definir a si mesma. Diante disso, percebe-se que Jo apresenta uma personalidade que ela atribui para si, fugindo daquilo que se espera que meninas façam ou reproduzam.

A estrutura familiar dos March reforça essa ideia de construção contínua do papel esperado pelas meninas de acordo com o patriarcado e as normas sociais da época. Sabe-se que Sr. March, como patriarca, possui uma posição social superior dentro de sua casa. Mesmo estando distante por um período da guerra, Sr. March reforça a ideia de que o homem é detentor de autoridade e poder. Isso é enfatizado através das cartas que ele envia para sua família, como uma em que ele diz:

Sei que elas vão se lembrar de tudo que eu lhes disse, serão filhas carinhosas com você, cumprirão fielmente suas obrigações, combaterão bravamente seus inimigos internos e vencerão com tanta galhardia que, quando eu voltar,

poderei sentir mais carinho e mais orgulho do que nunca pelas minhas mulherzinhas (ALCOTT, 2017, p. 19-20).

Ao receber e ler a carta, as meninas March logo se apressaram para dizer que tentariam ser boas filhas a fim de orgulhar o pai. Jo, a mais rebelde disse “Vou tentar ser como ele gosta de me chamar, ‘uma mulherzinha’, em vez de ser ríspida e malcriada; vou cumprir minhas obrigações em vez de querer estar em outro lugar” (ALCOTT, 2017, p. 20). Meg também comenta: “Eu também me preocupo demais com minha aparência e detesto trabalhar, mas, se conseguir, vou deixar de ser assim”. Pode-se dizer que Sr. March seria a consciência e razão da família, aquele que estaria sempre lá para lembrá-las e mantê-las dentro daquelas expectativas de comportamento que ele ditava.

A partir disso, aponta-se o que Deveaux fala sobre dominação ser o efeito das relações de poder e que a resistência pode acontecer em diferentes escalas (DEVEAUX, 1994, p. 233). Assim, a resistência de Jo para com Meg, seus pais e a sociedade acontece em escalas diferentes. É possível presenciar Jo resistir às instruções de Meg e aos princípios do patriarcado, mas não as do Sr. March.

Podemos verificar essa influência de Sr. March como autoridade no comportamento familiar quando retorna para casa e demonstra estar satisfeito com o desempenho de suas filhas para com seus fardos. A postura das meninas diante de Sr. March aparenta ser de submissão, visto que elas estão sempre atenciosas ao que o pai fala e dispostas a cumprir. Seria como se a voz de Sr. March fosse a última e definitiva que elas deveriam obedecer:

Meg, minha querida, valorizo mais a habilidade feminina de manter a felicidade do lar do que a alvura das mãos ou demonstrações de elegância; sinto orgulho em cumprimentar essa mãozinha trabalhadeira [...] Apesar do cabelo crespo curto, não vejo ‘o garoto Jo’ que deixei um ano atrás - disse o Sr. March. - Vejo uma mocinha que prende direito a gola no vestido, dá um laço bem feito nas botinas e não assobia, não fala gíria nem fica estendida no tapete, como costumava fazer. Está com o rosto um tanto magro e pálido, nesse momento, pela preocupação e pelas vigílias; mas gosto de fitá-lo, pois ficou mais meigo e sua voz está mais baixa; não sai aos saltos, mas se move com calma e cuida de uma pessoinha de um modo maternal que me encanta. Sinto falta de minha moleca traquinas; mas, se no lugar dela eu tiver uma mulher forte, prestimosa e de coração terno, ficarei plenamente satisfeito (ALCOTT, 2017, p. 313-314).

Essas expectativas do pai, apesar de irem contra inicialmente a personalidade de Jo, são gradualmente substituídas pela aceitação dela. Se, quando menina, ela gostava de correr, andar a cavalo e patinar, ao se tornar adolescente, ela aos poucos aceita esse discurso de

feminilidade ao qual é exposta desde pequena. Ela se modifica, para se tornar uma Jo mais paciente, comportada e educada. Como afirma Beauvoir (1949, p. 26) desde os tempos mais antigos os homens sempre tiveram esse poder de definir a mulher, consequentemente, perdendo a sua autonomia, também comprovando o que Beauvoir (1949, p. 330) fala que o indivíduo não nasce, mas se torna mulher. Logo, concluímos que, na visão da sociedade, Jo torna-se mulher quando vai abandonando seu jeito de “menina” e aceitando esse discurso de feminilidade imposto pela sociedade.

Mesmo na ausência do pai, a irmã mais velha das meninas March, Meg, tinha o trabalho de orientar as mais novas, principalmente quando se referia a instruir os bons modos de Josephine, que não tinha o costume de seguir os padrões. Jo era o tipo de menina que pretendia “fazer algo grandioso”, mas ainda não sabia ao certo o quê. Como passatempo gostava de ler, correr e andar a cavalo, mas para sua aflição não fazia isso tanto quanto gostaria (ALCOTT, 2017, p. 58). Enquanto Jo sonhava com livros e aventuras, Meg almejava uma vida luxuosa como a de suas amigas; todavia, não possuía dinheiro para esbanjar seus luxos.

Se pensarmos no conceito de olhar panóptico segundo definido por Foucault (apud DEVEAUX, 1994, p. 226-228), todos na sociedade têm a função de reproduzir certos discursos normativos junto às pessoas que os cercam. O policiamento constante acontece dentro da sociedade em todas as esferas, sendo na igreja, no trabalho ou em casa, as pessoas frequentemente regulam suas ações, mesmo que não percebam isso. Desta maneira, a personagem Meg é a que mais demonstra na obra essa preocupação com o seu comportamento e o de suas irmãs.

Pensando nos conceitos teorizados por Judith Butler sobre a construção da nossa personalidade a partir do que nos é ensinado (DEVEAUX, 1994, p. 237) e do que aprendemos socialmente, Meg aborda evidências de que é influenciada por uma sociedade que acredita que a mulher se importa apenas com coisas fúteis.

Mas parece mesmo tão bom ter ceias e buquês, ir a festas e voltar de carruagem para casa, ler e descansar, sem trabalhar. É como os outros, sabe?, e sempre invejei as meninas que fazem isso; gosto tanto de luxo - disse Meg, tentando decidir qual dos dois vestidos surrados estava menos surrado. (ALCOTT, 2017, p. 53)

Meg internaliza esse modo de ser feminino construído pela sociedade, como também querer um marido que possa atender às suas necessidades financeiras. O fato de

não ter uma vida de riquezas, para Meg, isso soa como a ausência de sua posição social. A própria reconhece que se preocupa demais com sua aparência.

- De que adianta me arrumar se ninguém me olha, a não ser aqueles nanicos implicantes, e ninguém se importa se estou bonita ou não? [...] Vou ter de labutar e mourejar todos os meus dias, só com uns momentinhos de diversão de vez em quando, e vou ficar velha, feia e azeda porque sou pobre e não posso aproveitar minha vida como fazem outras moças. É uma tristeza! (ALCOTT, 2017, p. 54).

Ao passo que Meg vai crescendo, ela começa a prestar atenção ao seu próprio comportamento, autopoliciando-se, como quando suas irmãs chamaram-na para participar da peça e ela disse: “Estou ficando velha demais para essas coisas” (ALCOTT, 2017, p. 15). A todo momento, Meg tenta corrigir não só a si mesma, como também os modos de Jo dizendo como ela deve agir e se comportar. Meg seria a voz da sociedade tentando ensiná-la e impor regras à Jo. Apesar disso, Jo resiste às correções de Meg.

- Você esteve correndo, Jo; como pode? Quando vai parar com essas traquinagens? [...] - Nunca, até ficar velha e entrevada e precisar de uma muleta. Não me force a crescer antes da hora, Meg; já basta ver você mudar de repente; deixe-me ser menina enquanto eu puder (ALCOTT, 2017, p. 219).

Ou quando Jo assobiou e ela lhe disse: “Não faça assim, Jo, é coisa de moleque”, porém como Jo não costuma ficar calada, retribuiu: “É por isso mesmo que faço”. Meg tenta controlar as ações de Jo para que ela se comporte como uma boa moça. Ela ainda diz para sua irmã: “Detesto meninas grosseiras e pouco femininas” e “Você já tem idade suficiente para deixar de molecagens e se comportar melhor, Josephine.” Ademais, Meg comenta que agora que Jo está crescendo e se tornando uma mocinha, ela deve se preocupar com sua aparência, como a maneira que prende o cabelo, mas Jo responde: “Eu não! E se prender o cabelo para cima me faz uma senhorita, então vou usar maria-chiquinha até os vinte anos [...]” (ALCOTT, 2017, p. 11-12).

Essa persistência de Meg em querer mudar os comportamentos de Jo tem relação com o que Butler diz sobre a construção de gênero, que o gênero é visto como algo construído através de gestos, palavras e performances (*apud* DEVEAUX, 1994, p. 237). Dessa maneira, reconhecemos que Meg é uma das figuras que mais tenta construir a identidade e comportamento de Jo a partir de um olhar normativo.

Não obstante, Meg realça o que Bartky (*apud* DEVEAUX, 1994, p. 226) aponta sobre o motivo da mulher não questionar as ideologias que são impostas a ela, que essa ideia de feminilidade é profundamente internalizada pela mulher, que, para ela, assumir uma outra personalidade seria renegar a si própria. Por outro lado, ao contrário de Meg, sabemos que muitas vezes Jo renega esses comportamentos.

Uma outra personagem que demonstra preocupação com seus comportamentos é Amy, “que do alto de seus doze anos já falava em renunciar a coisas infantis” (ALCOTT, 2017, p. 21). Mesmo sendo mais nova que Beth, não gostava de brincar de bonecas e dizia que contos de fadas eram coisas de crianças (ALCOTT, 2017, p. 160).

Essa discussão sobre expectativas de comportamento relacionadas inclui também pontos relacionados aos diferentes comportamentos de classe social e o medo de ser excluída e julgada por alguns. A preocupação de Meg de não ser vista como mal-educada ou mal vestida termina trazendo também certas preocupações com o pouco recurso da família. Durante um passeio feito pelas meninas March juntamente com Laurie e seus amigos ingleses de maior poder aquisitivo, percebe-se que a preocupação de Meg com sua aparência se dá ao fato de que ela quer poder participar e ser aceita em alguns grupos sociais. Uma das amigas de Laurie, Kate Vaughn, trata Meg com indiferença ao descobrir que ela trabalha como preceptora, julgando o fato de Meg trabalhar como sendo vergonhoso:

[...] Kate se afastou, dando de ombros e acrescentando para si mesma: ‘Não vim para ficar de acompanhante a uma preceptora, embora ela seja jovem e bonitinha. Como esses ianques são esquisitos! Receio que Laurie logo se estrague convivendo com eles’.

Esqueci que os ingleses costumam virar o nariz a preceptoras e não as tratam como nós - disse Meg, olhando com expressão aborrecida a figura que se afastava (ALCOTT, 2017, p. 192).

À vista disso, um exemplo que esclarece a preocupação de Meg com sua aparência ocorre na casa de Sallie Moffat, uma amiga que possui uma posição social e condições financeiras acima da dela, quando durante uma festa as amigas de Meg decidiram ajudá-la com suas vestimentas, cabelo e acessórios, já que Meg iria repetir o mesmo vestido da noite passada.

Ela logo descobriu que há nas roupas bonitas um encanto que atrai certo tipo de pessoa e garante seu respeito. Várias moças que antes nem a notavam de repente se mostram muito afáveis, muitos jovens cavalheiros que mal a olharam na última festa agora não só olharam, mas pediram para serem apresentados e lhe diziam toda sorte de coisas tolas, mas agradáveis, e muitas



velhas senhoras, sentadas nos sofás e criticando o restante da festa, perguntaram com ar de interesse quem era ela [...] (ALCOTT, 2017, p. 132).

Essa situação só comprova que o motivo de Meg desejar tanto uma vida de luxos é que a própria sociedade da época faz essa cobrança. Meg entendeu que as pessoas só são aceitas e valorizadas, especificamente naquele grupo, de acordo com sua aparência e posição social.

### **3.3 A dependência financeira da mulher dentro de *Little Women: A Room of One's Own***

As distintas visões sobre classe social e o papel da mulher na sociedade da Nova Inglaterra em 1860 constantemente retornam na discussão das futuras profissões das meninas. Durante uma conversa entre as meninas e Laurie, eles compartilharam entre si seus sonhos e realizações para o futuro, cada um com suas perspectivas do que anseiam. O sonho de Laurie representa o que Beauvoir salienta (1949, p. 351), de que os meninos, principalmente os de classe alta, têm várias oportunidades para viajar, trabalhar, aproveitar a juventude sem se preocupar com casamento:

Depois de ver o mundo o quanto quiser, eu gostaria de morar na Alemanha e ter toda a música que me aprouver. Quero, eu mesmo, ser um músico famoso e que todos os seres da criação acorram para me ouvir, e nunca vou precisar me incomodar com dinheiro ou negócios, mas vou apenas aproveitar a vida e fazer o que gosto (ALCOTT, 2017, p. 204).

Sabe-se que, para Laurie, como menino de uma família rica, seria muito mais fácil realizar seus sonhos, até mesmo por possuir dinheiro para isso, ao contrário de Jo, que precisa se esforçar para alcançar seus objetivos. Jo sonha:

Teria um estábulo cheio de cavalos árabes, aposentos repletos de livros, e escreveria usando um tinteiro mágico, para que minhas obras fossem tão famosas quanto as músicas de Laurie. Quero fazer algo tão grandioso antes de entrar em meu castelo, algo heroico ou magnífico, que não será esquecido após a minha morte. Não sei o que é, mas estou alerta e pretendo surpreender todos vocês, algum dia. Penso que vou escrever livros, enriquecer e ficar famosa; combinaria comigo, e então este é o meu sonho favorito (ALCOTT, 2017, p. 204-205).

Jo possui um espírito forte e tem em mente que precisa empenhar-se para conseguir realizar seus sonhos - “Eu terei de lutar, trabalhar, penar na subida, esperar e talvez afinal nunca consiga entrar” (ALCOTT, 2017, p. 203). Nos sonhos de Jo, ela não inclui

um marido que irá realizar seus desejos, mas a si mesma como responsável pelo seu próprio futuro. Ao invés de almejar um casamento, Jo pretende construir uma carreira profissional, o que já demonstra certo questionamento dos papéis de gênero.

Nota-se que ambos, Laurie e Jo, anseiam o que não podem ter. Mesmo que Laurie tenha dinheiro para se manter e estudar, seu avô não permite que se dedique à música, que é sua verdadeira paixão. No momento em que Laurie diz que está cansado de estudar, Jo comenta: “como eu gostaria de ir para a universidade” (ALCOTT, 2017, p. 48). Laurie tem todas as oportunidades para se aventurar e fazer o que bem entender, mas está sempre reclamando, enquanto para Jo tudo é mais difícil. Ainda assim, Jo demonstra otimismo para com seu futuro.

No entanto, os desejos de independência de Jo não são retratados por Alcott como uma exceção dentro da família: apesar de em Jo essa rebeldia e desejo de romper com certas normas sociais surgirem com mais frequência, a irmã mais nova, Amy, apesar de apenas ter doze anos, também pretende ter uma carreira profissional como Jo, “Tenho montes de desejos, mas meu preferido é ser artista, ir a Roma, pintar belos quadros e ser a melhor artista do mundo inteiro” (ALCOTT, 2017, p. 205). Enquanto isso, os sonhos de Beth incluem ter seu piano para tocar quando puder e “ficar em casa, segura, com o papai e a mamãe, e ajudar a cuidar da família” (ALCOTT, 2017, p. 205). Podemos concluir, então, que Alcott não desejava retratar o papel de Jo como exceção, mas que esses questionamentos das limitações às mulheres surgem em distintos personagens e distintos momentos da obra.

A tentativa de conquistar novos espaços e trabalhos, como ser escritora e artista, requerem, no entanto, uma independência financeira que as personagens não possuem. *Little Women* traz essas pequenas discussões sobre a dificuldade do acesso a essas profissões menos tradicionais. Virginia Woolf escreve em sua obra *Um Teto Todo Seu* (1928, p. 8) a necessidade da mulher de ter um espaço e dinheiro para conseguir se manter e se dedicar à arte. Isso leva a uma discussão constante na obra sobre a independência da mulher em termos financeiros. Uma das preocupações constantes dos adultos em *Little Women*, que é normativamente repassada para as meninas, é a preocupação do casamento como a principal alternativa para uma mulher sobreviver economicamente.

Acerca desse assunto, vemos que Jo aspira uma carreira profissional e independência financeira. Em *Little Women*, Jo consegue publicar no jornal um conto seu chamado “Os pintores rivais”:

[...] o homem disse que gostou dos dois, mas não pagava principiantes, só deixava que publicassem no jornal dele e anunciassem os contos. Era uma boa prática, disse ele; quando os principiantes melhoram, qualquer um pagaria. Então deixei que ele ficasse com os dois contos e hoje recebi este, e Laurie me pegou com o jornal e insistiu em ver, então deixei; e ele falou que era bom, e que devo escrever mais, e que ele vai providenciar que o próximo seja pago e, oh... estou tão feliz, pois daqui a algum tempo vou poder sustentar a mim mesma e ajudar às meninas (ALCOTT, 2017, p. 223, grifo meu).

Observa-se que, para Jo, a busca pela independência é o caminho que ela deseja trilhar para si: “pois ser independente e ganhar elogios dos entes amados eram os desejos mais caros de seu coração” (ALCOTT, 2017, p. 223).

Como outras meninas de sua idade, Meg aspira um bom casamento e uma boa vida financeira na qual poderá viver bem e confortavelmente. De certa forma, Meg possui sua própria independência, já que trabalha como preceptora, porém detesta seu trabalho e o pouco que ganha não é o suficiente para sustentar seus luxos.

Gostaria de ter uma linda casa, cheia de todos os luxos; comidas finas, roupas bonitas, móveis elegantes, pessoas agradáveis e montes de dinheiro. Seria a senhora da casa e a administraria como quisesse, com muitos serviços, e nunca precisaria mexer uma palha. Como aproveitaria! E não ficaria ociosa, mas faria o bem e todos me amariam ternamente (ALCOTT, 2017, p. 204).

Essa aflição de Meg sobre sua vida financeira surge como um lembrete frequente de que a mulher seria incapaz de sobreviver economicamente sem a dependência do salário do marido, já que não havia muitas opções de trabalho para a mulher na época. Ainda assim, depois de casada, a mulher era impossibilitada de trabalhar. Com isso, pode-se ressaltar o poder/dominância que um ser exerce sobre o outro nas relações de poder discutidos por Foucault, visto que a dependência da mulher para com seu marido a torna submissa a ele (FOUCAULT, *apud* DEVEAUX, p. 224).

Apesar de Meg almejar uma vida luxuosa, o que se percebe é que ela tem consciência de que a vida na sociedade para uma mulher não é tão fácil. Quando Jo fala que gostaria de ajudar Meg como faz com as heroínas de seu livro, deixando uma fortuna para elas, Meg diz: “As pessoas hoje em dia não recebem fortunas desse jeito; os homens precisam trabalhar, e as mulheres, se casar por dinheiro. É um mundo medonhamente injusto” (ALCOTT, 2017, p. 224). Ademais, Amy ainda afirma: “Jo e eu vamos fazer fortuna para todas vocês; espere dez anos e verá que sim” (ALCOTT, 2017, p. 225). Meg temia uma vida dura e difícil, ainda que trabalhasse, seu trabalho

não provia dinheiro o bastante, tanto que nada sobrava para diversões ou comprar algo para si mesma.

O surpreendente é que, justamente Meg, que sonhara com uma vida de riqueza e luxo, ao ter que escolher entre a herança da tia e o casamento, opta pelo amor. Quando sua tia March fala que não vai deixar nada de sua fortuna para Meg, caso se case com John Brooke, o tutor de Laurie, e que ele apenas quer se aproveitar dela para poder receber alguma parte da herança, Meg assume uma postura surpreendente. Segundo o julgamento da época e da própria tia, ao receber a herança da mesma e ascender socialmente, seria “sua obrigação encontrar um marido rico” (ALCOTT, 2017, p. 324). Sra. March deixa claro para sua sobrinha que, ao se casar com um homem “sem dinheiro, sem posição e sem negócio próprio” (ALCOTT, 2017, p. 325), ela terá que trabalhar muito. Entretanto, Meg confronta sua tia e fala que “John não se casaria por dinheiro, assim como eu. Estamos dispostos a trabalhar e pretendemos esperar. Não tenho medo de ser pobre [...]” (ALCOTT, 2017, p. 325). Diante disso, Meg mostra um comportamento totalmente oposto ao que pensava ao longo da obra: ela foi capaz de questionar muitos das percepções de classe social e da necessidade da mulher de estar constantemente buscando fortuna através dos maridos.

Um aspecto destacado na obra sobre independência feminina acontece quando Kate Vaughn fica enojada ao saber que Meg trabalhava como preceptora e John Brooke fala para Kate que: “As moças na América amam a independência tanto quanto seus antepassados, e são admiradas e respeitadas por ganhar o próprio sustento” (ALCOTT, 2017, p. 190). *Little Women* aborda esse assunto sobre a importância da mulher ter sua própria independência, destacando esse aspecto que meninas e mulheres que vivem do ócio são vistas como fúteis. A propósito, os March permitiram suas filhas, Meg e Jo, trabalharem porque consideravam que “nunca é cedo demais para cultivar a energia, a industriiosidade e a independência” (ALCOTT, 2017, p. 56).

### **3.4 A formação da moralidade na obra: princípios e ensinamentos**

Retornando à teorização de Gilligan sobre o desenvolvimento feminino desde a infância até a maturidade, a psicóloga defende que o esquema de desenvolvimento tradicionalmente aplicado aos garotos não se aplicam ao das garotas, porque as expectativas sociais e normas de comportamento impostas aos dois estabeleceriam objetivos diferentes. Enquanto a moralidade feminina volta-se a uma moral emocional

que se preocupa mais com a dor dos outros e com a resolução de conflitos de forma pacificadora, a masculina tende a ser mais imperativa, os meninos são vistos como capitães, com julgamentos morais, regras e posição social (GILLIGAN, 1982 *apud* KAZEMEK, 1986, p. 264-265). Não obstante, a mesma diz que a razão dessa moral ser diferente entre os gêneros se dá pelas práticas de criação que meninas e meninos são instruídos e ensinados (GILLIGAN *apud* SIMERKA, p. 498).

Aplicando essa ideia ao ensinamento presente em *Little Women*, percebe-se que a matriarca Mrs. March, preocupa-se em ensinar e educar suas quatro filhas, mas principalmente através de princípios, que, por muitas vezes, podem ser religiosos ou por meio de preceitos morais para manter um relacionamento de amizade e companheirismo dentro da sociedade. Mrs. March tenta sempre fazer o que ela acredita ser certo para que sirva de exemplo para suas meninas.

Quando Jo descobriu que Amy havia queimado seu livro, no qual “era seu maior orgulho e era considerado pela família como uma grande promessa literária” (ALCOTT, 2017, p. 109), ela ficou fora de si e desesperadamente deu uma tapa na sua irmã, pois Amy acabara de destruir algo que continha valor para Jo e que exigiu um grande esforço dela para ser produzido. Mais tarde, quando Amy sofre o acidente no lago de gelo, Jo se sente culpada pelo ocorrido e pede ajuda à sua mãe para tentar ser uma pessoa melhor. Esse sentimento de culpa serviu como lição para Jo, de modo que a motivou ao desejo de poder controlar suas emoções.

É esse meu gênio terrível! Eu tento curá-lo e, quando acho que consigo, ele irrompe de volta pior do que nunca. Oh, Mamãe! O que devo fazer? – gritou a pobre Jo, desesperada. [...] Você não sabe, não pode imaginar como é ruim! Parece que eu seria capaz de fazer qualquer coisa quando estou com raiva, eu fico selvagem, poderia ferir qualquer um e ficar satisfeita. Eu tenho medo de vir a fazer algo terrível algum dia, estragar a minha vida e fazer todos me odiarem. Oh, mamãe! Me ajude, por favor, me ajude! (ALCOTT, 2017, p. 114).

Sra. March, como modelo de mãe serena e generosa, como também ótima conselheira para as filhas, foi a figura à qual Jo recorreu. Logo, Jo percebeu que sua mãe não havia sido sempre tão paciente quanto ela pensava, mas que, ao longo do tempo, foi aprendendo a controlar sua raiva e que foi com a ajuda de seu esposo que conseguiu dominá-la.

– Ele me ajudou e confortou e me mostrou que devo exercitar todas as virtudes que quero que minhas meninas tenham, porque sou o seu exemplo.

Foi mais fácil tentar por causa de vocês do que por mim, um olhar de surpresa ou susto de vocês quando falo asperamente me censura mais do que qualquer palavra poderia fazer, e o amor, o respeito e a confiança das minhas meninas foram a recompensa mais doce que eu poderia ter recebido pelos meus esforços para ser a mulher que gostaria que elas imitassem (ALCOTT, 2017, p. 115, 116, 117).

Entretanto, não acontece na fala de Sra. March um questionamento sobre o poder do marido dela em influenciar e “controlar” o comportamento da mesma. O mesmo atua como consciência dela, orientando, guiando, mas ao mesmo tempo impondo os valores que ele julgava adequado para a família. A estrutura patriarcal é uma vez mais apontada na obra, mostrando a força de certos discursos de poder do homem sobre a esposa.

Sendo assim, da mesma forma que a mãe e o esposo da Sra. March ajudaram-na a controlar seu rancor, o mesmo ela faz pelas filhas. Sra. March mostra para Jo que a raiva apenas traz tristeza e afasta as pessoas que as amam para longe e que não só machuca as pessoas, como também a si própria. Isso serviu de lição para Jo que, controlada pela fúria, dizia que nunca iria perdoar Amy pelo que havia feito com seu precioso livro. Foi necessário passar pelo sentimento de culpa e arrependimento para que Jo enxergasse que não vale a pena deixar-se ser controlada pela raiva.

Novamente, faz-se necessário enfatizar o poder que o Sr. March tem perante sua esposa e filhas, sendo aquele a quem elas recorrem quando precisam de conselhos, reforçando o pensamento de que o homem possui autoridade máxima. Como aponta Walters, a leitura de histórias infantis e juvenis é uma das ferramentas que manifestam uma sociedade estereotipada de papéis sexuais misóginos (WALTEI-WALTERS 1982, p. 1-2 *apud* KAZEMEK, 1986, p. 267). Por conseguinte, a *Little Women* enfatiza a função estereotipada dos papéis através dos personagens e de suas ações.

Sra. March ensina que todo ser humano tem suas fraquezas, tendo como um dos mais perversos, a raiva, que nos obriga a fazer coisas que não gostamos ou que podemos nos arrepender depois. Ademais, a mãe ainda adverte Jo a sempre tomar cuidado com suas emoções.

– Espero que você seja muito melhor, querida, mas precisa prestar atenção ao seu “inimigo interior”, como seu pai chama, ou ele pode entristecer, se não estragar a sua vida. Você teve um aviso, lembre-se disso e tente com o coração e a alma controlar esse seu pavio curto antes que lhe traga sofrimentos e arrependimentos maiores do que os de hoje (ALCOTT, 2017, p. 117).

No entanto, deve ser levado em consideração que, a atitude de Jo para com Amy, foi de pura indignação. Assim, ao conversar com sua mãe, Jo tenta reprimir esse sentimento, como se não tivesse o direito de sentir essa indignação.

Pois então, reforçamos o que Gilligan aponta para o primeiro nível de moralidade feminina, que durante essa fase a mulher passa por uma transição onde esquece seus próprios objetivos para pensar nas responsabilidades que ela deve cumprir, assumindo seu papel como mulher adulta (1985, p. 12-13). O impacto do acidente de Amy foi tão grande para Jo que ela esqueceu completamente que sua irmã havia queimado o livro que tanto amava, deixando de lado seu próprio sofrimento e “egoísmo” para pensar na dor de sua irmã, ou melhor, para pensar na “responsabilidade” de irmã mais velha que deve cuidar e proteger.

Além do mais, Jo, que antes resolveu o evento acontecido com seu livro de forma violenta, mas que depois do acidente com Amy repensou suas atitudes, passando a resolver conflitos de forma não-violenta, onde o cuidado passa a ser algo essencial. Dessarte, isso salienta o que Gilligan aponta sobre o conflito entre o “eu” e o compromisso moral de se importar com o outro continua existindo (1985, p. 23-25), como se houvesse uma batalha interna entre os desejos de Jo e os desejos dos outros. Isso pode ser notado no momento em que Jo escreve uma carta para a mãe e diz sobre suas irmãs: “As meninas são verdadeiros anjos e eu... bom, eu sou Jo, e nunca vou deixar de ser” (ALCOTT, 2017, p. 242). Mesmo que Jo tente se comportar, seguir os conselhos dos pais e ser uma boa menina, poderíamos dizer que Jo sempre teria um lado “rebelde” dentro de si.

Ainda sobre esta carta, esse aprendizado de Jo pode ser visto, quando escreve para a mãe e diz que brigou com Laurie, mas que logo lembrou do que a mãe havia dito quando Amy caiu dentro do rio: “resolvi que não deixaria minha raiva continuar até o dia seguinte e saí correndo para me desculpar com Laurie” (ALCOTT, 2017, p. 242).

Os tipos de ensinamentos que os March ensinam suas filhas se dá através dos princípios morais, boas maneiras e o sentimental. Os pais condenam qualquer tipo de punição que utilize a agressividade ou dureza como exemplo. Quando Amy foi punida pelo seu professor por ter ido contra as regras da escola e levado alguns limõezinhos, a mãe disse: “Não aprovo castigos físicos, especialmente para meninas. Não gosto do modo como Sr. Davis ensina [...] eu não escolheria aquele método de corrigir uma falta” (ALCOTT, 2017, p. 102).

Quando Sr. March perdeu grande parte da sua fortuna, os March tiveram que abdicar de muitas coisas, já que não teriam dinheiro suficiente para gastar com recursos que fossem além do necessário. Isso acabou afetando as meninas, pois não tinham dinheiro para comprar o que desejavam. Meg e Jo, por vontade própria, quiseram trabalhar para ajudar a família, mesmo o dinheiro sendo pouco. Além do pouco que tinham, ainda conseguiam ajudar algumas famílias muito pobres que necessitavam de comida, como os Hummel que há pouco tempo haviam vindo da Alemanha e perderam o pai para a escarlatina.

Adiante, o café da manhã já estava pronto para ser desfrutado, mas as meninas decidiram esperar pela mãe que havia acordado cedo para poder ajudar uma família que estava passando fome. Assim que a mãe chegou, ela explicou as suas filhas sobre a família que acabara de visitar e o quanto estavam sofrendo por causa do frio e pela falta de comida. Então, perguntou se as meninas poderiam renunciar à refeição daquela manhã para os Hummel. Apesar da fome que estavam sentindo, decidiram que queriam ajudar a pobre família - “Estou tão feliz que a senhora chegou antes de começarmos, Posso ir e ajudar a levar as coisas para as pobres criancinhas? Perguntou Beth ansiosa. Eu levo o creme e os bolinhos – acrescentou Amy, heroicamente renunciando a seus itens preferidos” (ALCOTT, 2017, p. 27).

Com essa conduta, podemos destacar o segundo nível de moral apontado por Gilligan, em que o julgamento moral ocorre com a participação social da mulher através de valores sociais, como a “bondade” e o “auto sacrifício”. Nesse nível, a mulher revela seu valor por meio do cuidado e proteção para com os outros (1985, p. 15).

Assim sendo, percebe-se que a atitude generosa das meninas March é uma forma de enfatizar que as pessoas devem ajudar umas às outras. Ainda assim, realça a satisfação e orgulho daqueles que praticam o “bem”. Mais uma vez salienta o comentário de Gilligan sobre essa moralidade feminina de sempre querer ajudar e se colocar no lugar do próximo.

[...] Foi um desjejum muito feliz, embora não tenham comido nada; e quando foram embora, deixando conforto, creio que não havia em toda a cidade ninguém mais alegre do que as quatro meninas famintas que doaram seu desjejum e se contentaram com pão e leite na manhã de Natal.

– Isso é amar o próximo mais do que a nós mesmas, e gosto disso – disse Meg ao arrumar os presentes enquanto a mãe estava no andar de cima, reunindo roupas para os pobres Hummel (ALCOTT, 2017, p. 29).



Além do mais, as meninas foram pegas de surpresa pelo magnífico jantar que tiveram. O vizinho, Sr. Laurence, ficou sabendo do gesto bondoso que as meninas fizeram pelos Hummel, sendo assim, decidiu surpreendê-las com um delicioso banquete que continha “sorvete, na verdade duas travessas de sorvete – rosa e branco –, bolo, frutas e bombons e, no centro da mesa, quatro grandes buquês de flores de estufas!” (ALCOTT, 2017, p. 36-37). Ademais, o presente do Sr. Laurence reforça essa visão de que a generosidade para com o próximo pode resultar em recompensas para aqueles que praticam o bem.

Era de costume na família March os pais utilizarem de histórias para instruir suas filhas, como da vez que Jo pediu para sua mãe: “Conte outra história, mamãe, com moral no fim [...]” (ALCOTT, 2017, p. 67). Logo, a mãe tratou de contar a história de suas próprias filhas a fim de aprenderem uma lição:

Era uma vez quatro meninas; tinham o que comer, beber e vestir, vários confortos e prazeres, bons amigos e pais que as amavam ternamente, e mesmo assim não estavam contentes. [...] constantemente diziam ‘Se ao menos tivéssemos isso’ ou ‘Se pudéssemos fazer aquilo’, quase esquecendo o quanto já tinham e quantas coisas já podiam fazer. Então perguntaram para uma velha senhora qual encantamento elas poderiam usar para ser felizes e ela respondeu: ‘Quando se sentirem descontentes, pensem nas bênçãos que já têm e sintam-se agradecidas.’ [...] Como eram meninas sensatas, decidiram pôr o conselho em prática e logo ficaram surpresas em ver o quanto eram felizes. Uma descobriu que o dinheiro não podia afastar a vergonha e a tristeza da casa das pessoas ricas; outra que, apesar de ser pobre, ela era bem mais feliz, com sua juventude, saúde e bom espírito, do que certa senhora idosa rabugenta e inválida que não podia gozar seu conforto; uma terceira que, por enfadonho que fosse ajudar a preparar o jantar, pior era ter que mendigar por ele e uma quarta que nem mesmo os anéis de coralina são tão valiosos quanto o bom comportamento. Então elas concordaram em parar de se queixar e gozar as dádivas que já tinham e tentar merecê-las, para que não as perdessem totalmente, em vez de aumentá-las, e acredito que nunca ficarão desapontadas ou tristes por aceitarem o conselho da velha senhora (ALCOTT, 2017, p. 67-68).

Imediatamente, as meninas aprenderam a moral da história: “Eu gosto deste tipo de sermão. é do tipo que papai nos contava” [...] “agora serei mais cuidadosa do que nunca” [...] “Precisávamos dessa lição e não vamos esquecê-la” (ALCOTT, 2017, p. 68).

O protestantismo é a doutrina seguida pela família March, isto posto, os March também utilizavam de ensinamentos religiosos para a educação das meninas. A mãe relembra de quando as filhas eram pequenas e encenavam “A jornada do peregrino”:

A parte que vocês preferiam era quando eu amarrava meus sacos de retalhos nas costas de vocês como fardos, dava chapéus, bastões e rolos de papel e deixava vocês percorrerem a casa, desde o porão, que era a Cidade da destruição, subindo, subindo até o alto da casa, onde ficavam todas as coisas bonitas que podiam juntar para fazer uma Cidade Celestial (ALCOTT, 2017, p. 20-21).

Quando Amy fala: “Se eu não estivesse crescida demais para essas coisas, até que brincaria de novo” (ALCOTT, 2017, p. 21), a mãe responde:

Nunca somos velhas demais para isso, minha querida, porque é uma peça que estamos encenando o tempo todo, de uma maneira ou de outra. Nossos fardos estão aqui, nossa estrada está diante de nós, e o desejo de bondade e felicidade é o guia que nos conduz entre problemas e erros até a paz, que é uma verdadeira Cidade Celestial. Agora, minhas pequenas peregrinas, imaginem começar de novo, não de brincadeira, mas a sério, e vejam até onde conseguem chegar antes que papai volte (ALCOTT, 2017, p.21).

Com a lição da mãe as meninas logo tratam de obedecer, e uma diz: “[...] a história pode nos ajudar; pois, mesmo querendo ser boas, é um trabalho difícil, esquecemos e não damos o melhor de nós”, e uma outra comenta: “Esta noite estávamos no Pântano do Desalento, mamãe veio e nos tirou de lá como Auxílio fez no livro. Precisamos ter nosso guia de instruções, como Cristãos”. Jo ainda pergunta à mãe como elas iriam conseguir superar os fardos do dia a dia e Sra. March fala: “Olhem debaixo do travesseiro na manhã de Natal e encontrarão o guia” (ALCOTT, 2017, p. 22).

Pois então, na manhã de Natal, as meninas ficaram muito contentes com o presente que a Sra. March deixou debaixo do travesseiro de cada uma de suas filhas. A intenção da mãe, de acordo com as palavras de Meg, era: “mamãe quer que a gente leia, aprecie e reflita o que está nesses livros, e devemos começar desde já. Sempre fomos cumpridoras nisso, mas, desde que papai partiu e todo esse problema da guerra nos perturbou, descuidamos de muitas coisas” (ALCOTT, 2017, p. 24-25). Mais uma vez, nota-se a mãe tentando ensinar as meninas e elas empenhando-se para seguir as orientações da mãe.

Em conclusão, como é mencionado por Sherman em *Sacramental Shopping: Louisa May Alcott, Edith Wharton, and the Spirit of Modern Consumerism* (2013, p. 2), *Little Women* traz um olhar positivo para o desenvolvimento moral das personagens através da orientação da família e de livros. Em correspondência à construção de gênero no romance, é possível notar no crescimento de Jo certa incorporação do papel da mulher e de seus atributos femininos de acordo com a expectativa das pessoas que a

estão educando, como os preceitos do pai, as recomendações da mãe e até mesmo a vigilância de Meg. Com isso, observa-se como aos poucos Jo se transforma em mulher (como predito por Beauvoir), o que pode ser notado através dessa construção que Meg e os pais tentam instituir na personalidade de Jo. Simultaneamente, podemos enxergar as contribuições claras com relação às ideias sobre independência feminina, quando se discute as profissões das mulheres, como também a independência financeira das mesmas.

Do mesmo modo, a análise dos discursos sobre moralidade presentes na obra, como assinalado por Gilligan no seu desenvolvimento moral aplicado às mulheres, revela que as meninas March estavam constantemente trabalhando para estabelecer relações de irmandade, solidariedade e companheirismo como sendo o valor moral mais forte dentro da relação familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho analisamos como objeto de estudo a obra *Little Women* da escritora Louisa May Alcott. A princípio, foram apresentados aspectos biográficos da autora e da Nova Inglaterra, enfatizando questões da vida de Alcott que influenciaram a obra. Percebe-se que a vida de Alcott, como os aprendizados e experiências, foram importantes para o desenvolver de sua escrita. A personagem Jo apresenta características da própria autora: ambas são escritoras, gostam de encenar peças, estavam rodeadas por figuras femininas, entre outros aspectos.

Logo em seguida, realizamos uma leitura pautada nos conceitos de feminismo, um resumo nas relações de poder ressaltado pelo teórico Foucault, mas trazendo a análise para um propósito feminista, como apontado por Deveaux. Isso em razão de que as causas feministas tem o objetivo de questionar o patriarcado imposto às mulheres. Visto que a obra se passa em uma época onde o patriarcado é dominante e as liberdades femininas ainda eram muito restritas, fez-se necessário analisar as relações de poder presentes na obra.

Ademais, uma teorização dos conceitos discutidos por Beauvoir e Butler sobre a construção de gênero foi realizada, dado que essa construção está bastante clara na obra, principalmente na formação das personagens. Além disso, também se realiza uma compreensão da construção de moralidade abordada por Gilligan, já que a obra traz ensinamentos morais tanto para as personagens como também para o público leitor da época.

Como foi abordado no primeiro capítulo, *Little Women* foi uma obra requisitada a Alcott. Sendo assim, tinha o intuito de instruir e formar o público leitor feminino, o que enfatiza a preocupação da sociedade da época em moldar essas meninas com os princípios que lhes eram exigidos.

Mesmo que na época a obra tenha sido um guia para meninas a fim de educá-las e formá-las, a autora aborda questões como a independência financeira da mulher, novas formas de educação, e padrões femininos diferenciados aos da época.

Além do mais, observa-se que Meg contesta a desigualdade dos direitos entre homens e mulheres, mesmo que não seja tão evidente em seus atos. O fato de aceitar esses princípios impostos pela sociedade deve-se à razão de querer seguir os padrões femininos da época, já que ter comportamentos diferentes poderia excluí-la de círculos sociais.

No caso de Jo, percebe-se que a mesma possui ambições que não cabem a ela como mulher. Mesmo assim, ela demonstra que pretende se esforçar para realizar seu sonho de ser escritora. Não só ela, mas Amy também expressa desejar ser uma pintora de sucesso.

Apesar de Jo manifestar seu lado “rebelde” ao longo da obra, verifica-se que, com o tempo ela vai perdendo um pouco dessa sua personalidade, visto que com os ensinamentos dos pais e da irmã, Meg, ela acaba aceitando essas orientações, assim, moldando a personalidade da mesma.

Contudo, ainda que as personagens apresentem comportamentos e padrões diferentes do qual era requerido na época, é possível constatar como os princípios e opinião pública da sociedade influenciam no desenvolvimento das personagens. O processo de criação de Alcott, portanto, revela essa constante tentativa de se posicionar criticamente quanto aos valores esperados para a formação das meninas do século XIX, tanto trazendo ensinamentos morais mais tradicionais quanto questionando outros que já via como retrógrados e patriarcais. Sendo assim, podemos classificar a obra como uma tentativa de mostrar novas possibilidades a essa geração de leitoras que estava formando, tanto no campo das profissões como no próprio relacionamento familiar. De fato, possivelmente seria uma forma de influenciar as leitoras a também questionar certos princípios da época. Mesmo naqueles exemplos de relações hierarquizadas dentro da família, com o pai servindo como referência primordial para as decisões familiares, Alcott continuou forjando personagens femininas fortes, racionais, e com sonhos de crescimento próprio. Enfim, sua contribuição foi mostrar modelos diversos para as leitoras de *Little Women*, e que perdurariam por muitas gerações depois.

## REFERÊNCIAS

ALCOTT, Louisa May. **Mulherzinhas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

BERTENS, Johannes Willem. **Literary Theory: The Basics**. United Kingdom: Routledge Publisher, 2001.

**BIOGRAPHY.COM EDITORS**. Disponível em:  
<<https://www.biography.com/people/louisa-may-alcott-9179520>>  
A&E Television Networks, 2014. Acesso em: 05 nov. 2018.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 1993.

DE BEAUVOIR, Simone. **The Second Sex**. New York: Random House, Inc., 2009.

DEVEAUX, Monique. **Feminism and Empowerment: A Critical Reading of Foucault**. *Feminist Studies*, vol. 20, no. 2, 1994, pp. 223–247. Disponível em:  
<[www.jstor.org/stable/3178151](http://www.jstor.org/stable/3178151)> Acesso em: 08 out. 2018.

EISELEIN, Gregory. PHILLIPS, Anne K. **The Louisa May Alcott Encyclopedia**. Greenwood Publishing Group, 2001.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **National American Woman Suffrage Association**. Disponível em:  
<<https://www.britannica.com/topic/National-American-Woman-Suffrage-Association>>.  
Acesso em: 09 out. 2018.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1985.

GIBBS, Alexandra. **“How Nobel Peace Prize Laureate Malala Yousafzai”**. CNBC. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2018/01/31/malala-yousafzai-on-feminism-and-raising-awareness-about-female-rights.html>>. Acesso em: 31 Jan. 2018.

GRASSO, Linda. **Louisa May Alcott's “Magic Inkstand”: Little Women, Feminism, and the Myth of Regeneration**. University of Nebraska Press, 1998, pp. 177-192.

GRODEN, Michael. KREISWIRTH, Martin. **The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism**. London: The John Hopkins Press Ltd, 1994.

KAZEMEK, Frances E. **Literature and Moral Development from a Feminine Perspective**. National Council of Teachers of English, 1986, pp. 264-272.

KELLEY, Mary. **A More Glorious Revolution: Women's Antebellum Reading Circles and the Pursuit of Public Influence**. *The New England Quarterly*. Vol. 76, No. 2, 2003, pp. 163-196. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/1559902?read-now=1&loggedin=true&seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1559902?read-now=1&loggedin=true&seq=1#metadata_info_tab_contents)> Acesso em: 09 out. 2018.

LAIRE, Delphine. **Little Women, a feminist study**. 2008-2009.

MELLO, Evelyn. **O caminho de formação das peregrinas: o Bildungsroman como estrutura do romance “Mulherzinhas” de Louisa May Alcott.** 2016. Disponível em: <[https://www.todasasmusas.org/14Evelyn\\_Mello.pdf](https://www.todasasmusas.org/14Evelyn_Mello.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2018.

MICKENBERG, Julia. VALLONE, Lynne. **Introduction to Children Literature.** Oxford University Press, 2018.

MIKKOLA, Mari. **Feminist Perspectives on Sex and Gender.** *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2017 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2017/entries/feminism-gender/>> Acesso em: 08 out. 2018.

O'SULLIVAN, Emer. **Historical Dictionary of Children Literature.** Scarecrow Press, 2010.

SIMERKA, Barbara. **Early Modern Literature and Contemporary Feminist Philosophy: Alison, Jaggar, Carol Gilligan and Ana Caro's *El conde Partinuplés*.** Washington University: Revista de Estudios Hispánicos, 1999.

SHERMAN, Sarah Way. **Sacramental Shopping: Louisa May Alcott, Edith Wharton, and the Spirit of Modern Consumerism.** University of New Hampshire Press, 2013.

KOTZ, Liz. The body you want: An interview with Judith Butler. Disponível em: <<https://www.artforum.com/print/previews/199209/the-body-you-want-an-interview-with-judith-butler-33505>>. Acesso em: 09 out. 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Editora Nova Fronteira S.A, 1928.